



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

CIDADEZINHA QUALQUER

Série de reportagens em cidades goianas com menos de
dois mil habitantes

**FERNANDO HENRIQUE JORDÃO MARQUES
GUSTAVO DEBASTIANI GARCIA
PROFESSORA ORIENTADORA: NÉLIA DEL BIANCO**

MEMORIAL DE PROJETO EXPERIMENTAL EM JORNALISMO

**BRASÍLIA-DF
NOVEMBRO DE 2015**

FERNANDO HENRIQUE JORDÃO MARQUES
GUSTAVO DEBASTIANI GARCIA

CIDADEZINHA QUALQUER

Série de reportagens em cidades goianas com menos de dois mil
habitantes

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade de
Brasília como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em
Comunicação Social com habilitação
em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Nélia Del Bianco _____

Convidado: David Renault _____

Convidado: Paulo José Cunha _____

Suplente: Fernando Paulino _____

ALUNOS APROVADOS COM A NOTA _____

BRASÍLIA-DF
NOVEMBRO DE 2015

*“A grandeza de uma cidade não depende da extensão do
seu município, mas do caráter de seu povo”
(Frase pintada em um muro de Cachoeira de Goiás)*

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos Fernando

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela vida e por iluminar os caminhos que trilhei até agora. Quase com a mesma intensidade, agradeço a toda minha família, desde a integrante mais velha – minha avó Zélia – até a mais nova – minha sobrinha e afilhada Beatriz – passando, obviamente, pelos meus pais, Maria Claudia e Eduardo.

À nossa orientadora Nélia Del Bianco, com quem aprendi quase tudo do quase nada que sei sobre jornalismo. Também aos demais professores e chefes que me ensinaram a dar os primeiros passos na minha embrionária carreira jornalística. Ainda a Josevaldo Souza e Rosângela Rayzel pelos trabalhos técnicos e pela revisão deste memorial, respectivamente.

Não posso deixar de registrar o meu muito obrigado ao amigo e parceiro de reportagens, Gustavo Garcia. Desde os primeiros trabalhos em conjunto – no já longínquo ano de 2011 –, nossa amizade só se fortaleceu, a ponto de culminar neste projeto. As muitas gargalhadas, os pensamentos alinhados e a capacidade de nos entendermos pelo olhar foram fundamentais para que a produção da série fluísse num ritmo muito natural. Sem a companhia dele, tenho certeza que Cidadezinha Qualquer jamais sairia do papel.

Finalmente, agradeço a todos os personagens deste projeto que confiaram em nós para ecoarmos suas grandes histórias. Só de tê-los conhecido, a produção da série já valeu a pena.

Agradecimentos Gustavo

Agradeço, primeiramente, a Deus pela proteção ao longo dos mais de 4.200 quilômetros percorridos durante a apuração deste projeto. Aos meus pais – João Ivan da Costa Garcia e Sônia Nara Debastiani Garcia – pelo amor e apoio incondicionais desde os primeiros segundos de vida. Às minhas irmãs, Flávia e Rafaela, por estarem presentes em todos os momentos da minha caminhada. À minha namorada, Amanda Rodrigues Dias, pelo carinho e compreensão durante a elaboração deste projeto.

Muito obrigado também ao fiel amigo e companheiro de trabalho, Fernando Jordão, pela paciência, esforço e sinceras risadas no desenvolvimento desta série. Que nossa parceria perdure por muitos anos! Aos meus amigos da Faculdade de Comunicação (FAC), Rômulo Andrade, Kaique Paloschi, Iago Garcia, Henrique Arcoverde, João Pedro Mansur, Vitor Pantoja e André Porto, por tornarem mais leve e prazerosa a jornada acadêmica.

Aos professores de Jornalismo da FAC – em especial à orientadora deste projeto, Nélia Del Bianco – pelos ensinamentos e conselhos.

Por fim, agradeço a todas as pessoas do interior do estado de Goiás – a quem também dedico este trabalho – que abriram as portas de suas casas e histórias a dois viajantes ávidos por relatos e copos d'água no calor do cerrado nos meses de agosto, setembro e outubro.

RESUMO

O presente projeto é uma série de reportagens radiofônicas nas seis cidades goianas com até dois mil habitantes, segundo o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O objetivo é tentar contar histórias que vão além do estereótipo de que cidades pequenas se resumem a lugares pacatos, seguros e, nos quais, todos os moradores se conhecem. Foram percorridos, ao todo, 4.231 quilômetros para ouvir mais de 30 histórias relacionadas às cidades de Anhanguera, Lagoa Santa, Cachoeira de Goiás, São João da Paraúna, Moiporá e São Patrício. O projeto encontra como justificativa a necessidade de o jornalismo lançar um olhar humanista para o interior e “ir para a rua”, sair das redações dos grandes centros urbanos.

Palavras-chave: Rádio. Goiás. Pequenas Cidades. Interior. Humanismo

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
1. INTRODUÇÃO.....	8
2. PROBLEMA DE PESQUISA.....	10
3. JUSTIFICATIVA.....	11
3.1 Do tema.....	11
3.2 Do meio de comunicação.....	12
4. OBJETIVOS.....	13
5. REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
5.1 Do meio de comunicação.....	14
5.2 Do jornalismo.....	16
5.3 Do tema.....	18
6. METODOLOGIA.....	20
6.1 Planejamento.....	20
6.2 Pesquisa.....	21
6.3 Coleta do material.....	21
6.4 Impressões e verdade.....	22
6.5 Música.....	22
6.6 Compilação.....	23
6.7 Estrutura.....	23
6.8 Finalização.....	24
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28
ANEXOS.....	30

1. INTRODUÇÃO

O interesse dos autores do presente projeto era, desde o primeiro momento, desenvolver, como trabalho de conclusão de curso, um produto que envolvesse viagens e humanização do relato.

Ao longo da faculdade, a dupla construiu, além de uma amizade fraternal, uma parceria produtiva em uma série de trabalhos acadêmicos e, também, fora da Universidade de Brasília, participando de estágios em redações da capital federal.

Os dois alunos decidiram se associar novamente. Desta vez, no final do curso de Jornalismo, para o desenvolvimento de uma série radiofônica. A escolha do meio de comunicação se deu por dois motivos: a relação afetiva que os dois alunos possuem com o rádio, com as disciplinas sobre o meio ao longo da graduação; e pelo fato de se tratar de um suporte com relativo baixo custo de produção.

Depois da escolha do meio de comunicação, a orientadora do projeto, Professora Dra. Nélia Del Bianco, sugeriu que, para que se justificasse o envolvimento de dois alunos no trabalho, seria importante a produção de seis reportagens.

A ideia inicial era produzir uma série de seis episódios que relacionasse músicas à vida em determinadas cidades do interior goiano, mas o projeto se demonstrou inviável diante da escassez de composições musicais nesse sentido.

Diante disso, os autores partiram para outro enfoque, ainda dentro do tema cidades pequenas. Pesquisaram por elementos que inter-relacionassem seis municípios goianos. Através de uma busca no censo demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tal característica foi encontrada. No estado de Goiás, existem, de acordo com o documento, seis cidades com menos de dois mil habitantes: Anhanguera (1.020 habitantes), Lagoa Santa (1.254), Cachoeira de Goiás (1.417), São João da Paraúna (1.689), Moiporá (1.763), São Patrício (1.991).

Desprovida de muitas informações sobre os municípios, uma vez que raramente eles aparecem na grande mídia, a dupla pegou a estrada em busca de histórias que venciam os estereótipos de que pequenas cidades são lugares pacatos, onde o tempo passa devagar e todos os moradores se conhecem. Características relatadas no poema

“Cidadezinha Qualquer” de Carlos Drummond de Andrade, que descreve a vida – de maneira geral – em uma infinidade de pequenas cidades dentro do continental Brasil.

Esses mínimos pedaços de terra, no entanto, guardam grandes histórias sem ninguém para contar. Realidades a poucos quilômetros das capitais, mas muito distantes da vida nos grandes centros.

A série de reportagens Cidadezinha Qualquer tenta contrastar mundos. Revelar personagens que não estão nas novelas, nem nos noticiários, mas que mereceriam as primeiras páginas dos jornais.

Ao todo, os alunos percorreram 4.231 quilômetros em 16 dias de viagens pelo estado de Goiás. Entre as histórias que encontraram, estão a de uma cidade onde cerca de 12% da população já morou nos Estados Unidos, o relato de vida de um padre que foge à assepsia comum aos sacerdotes dos grandes centros e a dura realidade econômica de um município que sofre com os efeitos da seca dos rios.

Para ajudar na divulgação do projeto e, também, para melhor contar as histórias coletadas, os autores do projeto criaram perfis nas redes sociais Facebook (www.facebook.com/cidadezinhaqualquer) e Instagram (@cidadezinhaqualquer). Dessa maneira, a dupla tentou ainda aproximar o projeto do público jovem. Apostando em meios multimídia, os alunos elaboraram uma página na Internet (www.cidadezinhaqualquer.com) para disponibilizar fotografias e vídeos sobre as cidades visitadas.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

A principal inquietação que motivou a produção deste produto foi o fato de as cidades do interior serem pouco ou nada retratadas na mídia tradicional. Um breve levantamento realizado em três dos principais portais noticiosos do país – “G1”, “Folha de S. Paulo” e “Estadão” – revelou que havia apenas uma notícia tratando especificamente de uma das seis menores cidades goianas. No caso dessa notícia, o município abordado era Moiporá. Mesmo assim, a matéria intitulada “Coveiro arrenda área de cemitério para agricultor plantar amendoim” foi uma sugestão de leitores e contém alguns erros, como o nome do distrito de Messianópolis, grafado equivocadamente como “Missianópolis”.

Em publicações regionais, o panorama não é muito distinto. As seis cidades retratadas na série Cidadezinha Qualquer só costumam ser notícia em raros casos de crimes e acidentes de trânsito ocorridos em suas proximidades. A falta de informações sobre os municípios chegou a dificultar a produção do projeto. Toda a pesquisa prévia só podia ser realizada no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A série também foi motivada pelo desejo de buscar boas histórias na rua. O jornalismo atual parece estar cada vez mais preso às redações. Isso acaba prejudicando o trabalho de apuração que, muitas vezes, é limitado a contatos telefônicos. A jornalista Eliane Brum comentou a respeito de uma reportagem, escrita por ela, sobre a Amazônia: “se há um lugar que é impossível entender de longe, por telefone ou pela internet, é a Amazônia. É preciso ver bem de perto e ter cuidado para não compreender rápido demais” (BRUM, 2008, p. 72). A mesma ideia pode ser aplicada às cidades do interior do Brasil: lugares com uma realidade e histórias próprias que só podem ser compreendidas plenamente por aqueles que as visitam.

Além de prejudicar o trabalho do repórter, a escassez de recursos dos veículos de comunicação – que tem impossibilitado projetos envolvendo viagens longas, hospedagens em hotéis e formação de equipes adequadas – dificulta também a aproximação dos jornalistas com pessoas de cidades do interior. Assim, os habitantes de pequenos municípios não se sentem representados nos noticiários regionais e nacionais.

3. JUSTIFICATIVA

3.1 - Do tema

O presente produto se justifica pela necessidade de vencer o estereótipo sobre a vida em municípios do interior, tidos pela maioria da população das cidades grandes como um lugar em que nada acontece. Esse estereótipo é reforçado pela própria imprensa que pouco, ou nada, noticia acontecimentos nesses locais.

Anos atrás, a vida no interior podia ser, de fato, parada. Prova disso é o poema “Cidadezinha Qualquer”, de Carlos Drummond de Andrade. Escrito na década de 1930, o texto retrata os municípios pequenos como locais em que tudo acontece devagar e onde a vida é “besta”. O presente projeto se apropriou do título da poesia e o ressignificou justamente para provar que tais municípios podem conter, sim, boas histórias, que despertem o interesse do público das grandes cidades.

Para alcançar essa meta, mostrou-se imprescindível praticar a humanização do relato, afinal, não é possível quebrar estereótipos criados sobre pessoas sem ouvi-las. A prática do jornalismo humanizado, aliás, parece estar se perdendo. Cada vez mais, os jornalistas têm se dedicado à produção de notícias burocráticas, onde apenas fontes oficiais são ouvidas. Isso contribui para que o jornalismo deixe de cumprir sua função social, se afastando da população que não se sente mais representada nos veículos de comunicação.

A quebra do atual *status quo* do jornalismo também justifica a produção do projeto. Com ele, os autores tentam mostrar que é possível fazer jornalismo de qualidade, de maneira independente e com poucos recursos. Uma série de reportagens que procura mudar o foco da cobertura, mantendo-se interessante ao espectador.

Como consta do tópico “Introdução” deste projeto, a escolha do tema passou pela necessidade de se encontrar uma característica que inter-relacionasse seis diferentes cidades do interior goiano. Em uma busca no censo de 2010 do IBGE, os autores deste trabalho encontraram seis municípios com menos de dois mil habitantes. São eles: Ananguera, Lagoa Santa, Cachoeira de Goiás, São João da Paraúna, Moiporá e São Patrício.

3.2 - Do meio de comunicação

A escolha do meio rádio se justificou, primeiramente, pela afinidade que os dois autores possuíam com o suporte.

Em segundo lugar, a produção de reportagens para rádio pode ser feita com um baixo orçamento, quando comparada à produção de materiais televisivos, por exemplo.

Ainda em comparação com a TV, o rádio tem um alcance maior e, conseqüentemente, uma possibilidade maior de chegar a cidades menores, alvo desta série de reportagens.

Por fim, o mais importante é que o rádio ajuda a quebrar estereótipos. Nesse suporte, o espectador apenas ouve a história sem saber como é a pessoa que está contando. Assim, a mensagem do emissor pode chegar ao receptor sem esbarrar na barreira do preconceito.

4. OBJETIVOS

O presente projeto tem por principal objetivo contar, a partir de relatos humanizados, histórias de cidades goianas com menos de dois mil habitantes. Fatos que vão além do senso comum de que municípios pequenos apenas são lugares pacatos, onde todos os moradores se conhecem e há uma ausência de acontecimentos dignos de serem noticiados.

A série de reportagens busca apresentar municípios que o público médio de Brasília, por exemplo, jamais ouviu falar. Às cidades visitadas, o projeto tenta apresentar uma leitura externa da realidade vivida pelos moradores. Leitura essa que foi escrita também pelos próprios habitantes das pequenas cidades.

Em campo, o objetivo dos autores do projeto era encontrar, em dois dias de estadia nas cidades visitadas, histórias capazes de despertar o interesse de pessoas de cidades grandes.

Já no momento da edição, o objetivo foi encontrar a melhor maneira de apresentar os fatos apurados. Nessa etapa, procurou-se redigir histórias aprofundadas, mas de maneira leve e atraente para que o produto não se tornasse cansativo aos ouvintes.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 - Do meio

Cidadezinha Qualquer é uma série radiofônica que narra fatos acontecidos em cidades goianas com até dois mil habitantes. Esses fatos são contextualizados por elementos culturais, como músicas e obras literárias. Assim sendo, o produto se encaixa no formato de programa especial, que – na definição de McLeish (2001) – é um produto que não necessita ser totalmente verdadeiro no sentido factual. Um produto que pode incluir canções folclóricas e poesias a fim de que a imaginação do ouvinte seja estimulada. Por vezes, o programa especial pode até se desprender da veracidade, mas sem abandonar os fatos nem a utilização de fontes reais.

Dessa maneira, o conceito de programa especial se diferencia do formato documentário, que “apresenta somente fatos, baseado em evidência documentada” (MCLEISH, 2001, p. 191). Ainda na definição do autor, “o documentário deve distinguir claramente entre fato e ficção e apresentar uma estrutura que separe fato da opinião”. Por outro lado, no programa especial, “todas as formas possíveis do rádio se encontram – poesia, música, voz e sons, o fantástico e o maravilhoso que se combinam numa tentativa de informar, estimular, entreter ou inspirar o ouvinte” (MCLEISH, 2001, p. 197).

O episódio número seis da série Cidadezinha Qualquer, sobre a cidade de Anhanguera, exemplifica a combinação entre o real e o imaginário, defendida por McLeish (2001). A reportagem relaciona a atual situação da cidade, que sofre com a seca do rio Paranaíba, à antiga lenda indígena sobre o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, cujo apelido dá nome ao município.

A reportagem que abre a série, sobre a cidade de São Patrício, também serve para caracterizar o projeto como um programa especial, uma vez que é introduzida por um poema de Carlos Drummond de Andrade. A obra citada “Cidadezinha Qualquer” – que descreve uma infinidade de pequenos municípios –, aliás, batiza o presente produto. A escolha do título de uma série radiofônica deve seguir alguns cuidados. De acordo com Prado (2006), “exige-se grande criatividade. [...] Porque precisam ser chamativos. Eles assumem a cara do programa, combinando o que é levado ao ar. Use apenas

palavras fáceis de compreender e, principalmente, fáceis de pronunciar” (PRADO, 2006, p. 108).

O rádio, por si só, já é um suporte que exige a ativação do imaginário dos espectadores. Até por isso, ele necessita de uma linguagem diferente da dos demais meios de comunicação. “Ao contrário da televisão, em que as imagens são limitadas pelo tamanho da tela, as imagens do rádio são do tamanho que você quiser” (MCLEISH, 2001, p. 15). Uma construção textual que precisa ser permeada de elementos sonoros, que colaboram para a formação de imagens pelos ouvintes.

Além da sonoplastia, o texto radiofônico precisa de uma linguagem especial para ser eficiente. Vamos ao que dizem Barbeiro e Lima (2003):

“O ouvinte só tem uma chance para entender o que está sendo dito. Lembre-se de que a mensagem no rádio se ‘dissolve’ no momento em que é levada ao ar. Para que a missão de conquistar o ouvinte seja alcançada, o texto deve ser coloquial. O jornalista precisa ter em mente que está contando uma história para alguém, mas sem apelos à linguagem vulgar e, acima de tudo, respeitar as regras do idioma” (BARBEIRO E LIMA, 2003, p. 72).

Esses conceitos de meio de comunicação nortearam a redação e a construção sonoplástica dos roteiros das reportagens do presente projeto.

5.2 - Do jornalismo

O programa especial em questão é uma série de seis reportagens. O conceito de reportagem, que serve de parâmetro para o presente projeto, é definido por Abramo como “uma narrativa [...] Ela depende muito do poder de observação do narrador, da maneira de transmitir essa observação em palavras e de saber concatenar bem a forma de expressá-la”. (ABRAMO apud BARBEIRO E LIMA, 2003, p. 55). Para Jorge, uma grande reportagem implica sensibilidade do repórter e tangencia o jornalismo informativo e o literário. “O repórter deve ter faro para a notícia, sensibilidade na criação de temas, cuidado na apuração e perfeccionismo na organização dos dados” (JORGE, 2008, p. 86).

Sodré e Ferrari (1986) acrescentam:

“Sem um ‘quem’ e um ‘o quê’, não se pode narrar. Na reportagem, estes dois elementos têm de existir, mas têm, sobretudo, de despertar interesse humano – ou não serão suficientes para sustentar a problemática narrativa [...] Do que foi exposto, depreendem-se as principais características de uma reportagem: a) predominância da forma narrativa; b) humanização do relato; c) texto de natureza impressionista; d) objetividade dos tópicos narrados [...] será sempre necessário que a narrativa (ainda que de forma variada) esteja presente numa reportagem. Ou não será reportagem.” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 14 e 15).

As principais características da reportagem, enunciadas por Sodré e Ferrari (1986), estão presentes na série *Cidadezinha Qualquer*. No entanto, o presente projeto buscou, sobretudo, a humanização do relato para narrar os fatos verificados. Ao longo da apuração, escolheu-se evitar a procura por fontes oficiais, especializadas e assessorias de imprensa a fim de que as reportagens não fossem desumanizadas.

O presente projeto também coletou todas as entrevistas de maneira pessoal, frente a frente com o entrevistado, evitando meios indiretos.

Pereira Júnior (2009) explica que a adoção dessas posturas evita a desumanização do relato:

“Quando a observação ou o contato direto dão lugar a meios indiretos de obtenção de informação – o telefone, a internet, o press-release, o arquivo, o risco de desumanizar a cobertura ganha complicadores adicionais, tal o grau de distanciamento a ser agregado à interlocução entre repórter e entrevistado. É uma equação ainda mais complicada quando sai do plano da captação de informação para o relato. Sujeitos de carne e osso viram índices, dados tomam a

dimensão do humano, assessorias profissionais substituem o relato vivo e o número, que serviria apenas para contextualizar, é também o que esgota a situação retratada”. (PEREIRA JÚNIOR, 2009, p. 96 e 97).

Jorge (2008) apresenta qualidades do repórter humanista. Trata-se de um profissional que se comove com matérias de interesse humano e é contra textos demasiadamente econômicos. É do interesse do repórter humanista histórias emocionais e esse profissional “não gosta de telefone, nem de meios indiretos para colher informações: prefere o olho no olho, a intuição, e confia na sorte e no faro” (JORGE, 2008, p. 78).

Ainda sobre a necessidade de o repórter ir ao local do acontecimento para fazer um relato humanista, Sodré e Ferrari (1986) afirmam:

“A humanização do relato, pois é tanto maior quanto mais passa pelo caráter impressionista do narrador [...] O repórter é aquele ‘que está presente’, servindo de ponte (e, portanto, diminuindo a distância) entre o leitor e o acontecimento. Mesmo não sendo feita em 1ª pessoa, a narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favoreça essa aproximação.” (SODRÉ E FERRARI, 1986, p. 15).

A jornalista Eliane Brum, no livro de reportagens, “O Olho da Rua”, arremata dizendo que “toda reportagem é um encontro” (BRUM, 2008, p. 150).

Por fim, é importante ressaltar que cada uma das reportagens que compõem a série tem sentido completo dentro de um contexto de cidades goianas com menos de dois mil habitantes. Tal sentido se faz necessário em razão da rotatividade da audiência radiofônica. Segundo Jung (2011), “em rádio, pesquisas indicam que o público muda a cada quinze minutos” (JUNG apud OYAMA, 2011, p. 56). Assim, uma pessoa que ouve um dos programas da série não necessariamente ouvirá os demais. Nas palavras de Barbeiro e Lima (2003) “a reportagem deve ser completa em si mesma, com começo, meio e fim. Nunca imagine que o ouvinte já conheça os antecedentes do fato” (BARBEIRO E LIMA, 2003, p. 56)

5.3 - Do tema

Como visto no tópico “Justificativa” deste projeto, não havia muitas informações disponíveis sobre as cidades relatadas nas reportagens. Nas raras ocasiões em que os municípios apareciam em notícias de jornais, as matérias eram sobre casos de violência, acidentes de trânsito ou turismo. Desse modo, a prática *flâneur* apareceu como a melhor forma para a coleta de informações acerca das cidades visitadas. O *flâneur*, na definição de Baudelaire – a quem é atribuída a criação do conceito –, é “uma pessoa que anda pela cidade a fim de experimentá-la” (BAUDELAIRE, apud CIDADE E SANTOS In: NASCIMENTO (Org.), 2014, p. 87).

A chegada do conceito de *flâneur* ao Brasil aconteceu na primeira década do século XX, por intermédio do jornalista João do Rio. As autoras Torres e Procópio (2014) contextualizam essa chegada:

“O rural dava lugar ao urbano. O pensamento racional (influência iluminista) dava os ares de cientificismo e individualismo dos novos tempos, cujo ‘homem perfeito’ era o burguês de status social. As mulheres não tinham ‘dor de cabeça’, mas *misaine*, e aguardavam a última moda estampada nos folhetins. Enquanto isso, os pobres, os negros, os pequenos trabalhadores, não podendo estar inclusos na vida de exaltação do luxo e do novo, eram aliçados dessa sociedade, inaugurando o que seriam, posteriormente, os primeiros cortiços e favelas do país. A música popular, o violão, a boemia, eram perseguidos como uma tradição que deveria ser superada; os costumes populares da cultura brasileira eram postos para fora dos centros urbanos. E é nesta realidade esquecida que lança – ávido por conhecer, sentir e reportar, a figura do *Flâneur*”. (TORRES E PROCÓPIO, 2014, p. 5 e 6).

O conceito de *flâneur* pode ser aplicado ao jornalismo, a fim de produzir conteúdos que não sirvam meramente para informar, mas que também tenham a capacidade de seduzir e encantar os espectadores. “Desta forma – explicam Torres e Procópio –, aspectos como o subjetivismo e o lirismo podem também contribuir para um jornalismo de caráter sério e informativo, muitas vezes, mais profundo do que a escrita meramente factual” (TORRES E PROCÓPIO, 2014, p. 2).

Ainda segundo a dupla de autoras, o repórter-*flâneur* tem como características:

“A ausência de pautas, sendo o próprio ato de reportar o objetivo das atividades; a procurar por personagens incógnitas e estórias das ‘pessoas simples’, muitas

vezes ignoradas; o contato íntimo e até mesmo afetuoso com o espaço urbano; a escrita lírica, que torna possível confundir entrevista, ficção, conto e reportagem [...] O *flâneur*, em sua atuação próxima das ruas e das pessoas, em linguagem lírica, na procura constante da vida incógnita e do ato apaixonado de reportar, contribui ao resgate do jornalismo artístico e literário” (TORRES E PROCÓPIO, 2014, p. 7 e 11).

Com o advento da tecnologia, a *flânerie* – ou o ato de *flanar* – ganhou também a possibilidade de ser realizada através da internet. Nas palavras de Saturnino, “ao invés de largas avenidas ou geométricos *boulevards*, passamos a experimentar um espaço ‘desterritorializado’. O ambiente simbólico da Internet é o exemplo mais profícuo” (SATURNINO, 2010, p. 6). Para Torres e Procópio, “o próprio ato de ‘surfear’ na internet remete à ação de *flanar*: vagar sem rumo, procurar conteúdos, levado pela curiosidade” (TORRES E PROCÓPIO, 2014, p. 10). Outro autor, Manovich, acredita, inclusive que:

“O *flâneur* virtual é mais feliz por que está em movimento constante. O ‘clique’ em objetos simbólicos ressignifica a experiência da deambulação. Como se estivesse numa cidade infinita, o utilizador amplia o seu campo de navegação quando internaliza a possibilidade de ‘navegar’ através da aleatoriedade dos cliques” (MANOVICH apud SATURNINO, 2010, p. 6).

Em concordância com essas afirmações, viu-se que seria interessante também criar um site (www.cidadezinhaqualquer.com) e perfis nas redes sociais Instagram e Facebook para o projeto Cidadezinha Qualquer. Desse modo, pessoas que nunca estiveram nas cidades visitadas ou sequer sabiam de sua existência – por vezes negligenciada pela mídia – poderiam *flanar* online e descobrir esses municípios, por meio, sobretudo, de fotos e vídeos.

6. METODOLOGIA

A produção da presente série seguiu os procedimentos indicados por MCLEISH (2001) para a criação de um programa especial. São eles:

6.1 - Planejamento

De acordo com o autor, após acertar a ideia inicial do projeto, chega o momento de planejar, entre outras coisas, o tempo de duração dos episódios e o conteúdo de cada um deles, além das fontes de entrevista que serão utilizadas. Em relação ao tempo, inicialmente não havia uma previsão. McLeish afirma que, neste caso, é importante “limitar o material a um objetivo declarado, sem deixar que se torne difuso e se espalhe por outras áreas” (MCLEISH, 2001, p. 192). Após a coleta e análise dos materiais, decidiu-se que cada reportagem teria a duração aproximada de dez minutos, tempo entendido como o necessário para contar as histórias coletadas sem, no entanto, cansar o ouvinte. A relevância e a densidade dessas histórias, contudo, podem causar variações na duração de cada um dos programas.

Como citado no referencial teórico, decidiu-se aplicar o conceito de *flânerie* no processo de produção deste especial. Assim, não era possível definir *a priori* quais seriam os conteúdos de cada um dos episódios, pois, segundo TORRES E PROCÓPIO (2014) uma das características do repórter-*flâneur* é justamente a ausência de pautas. Desse modo, sabia-se, apenas, que cada um dos programas seria dedicado a uma das seis menores cidades do estado de Goiás.

A escolha das fontes de entrevista também foi pautada pelo conceito do repórter-*flâneur*, que se dedica, segundo TORRES E PROCÓPIO (2014, p. 3), “ao retrato da vida das pessoas anônimas, à procura pelo incógnito, pelo deixado de lado, como pauta principal”.

6.2 - Pesquisa

Esta fase foi extremamente prejudicada, conforme já citado no tópico “Problemas de Pesquisa”, pela quase inexistência de informações acerca das seis menores cidades goianas nos meios de comunicação. Todo material coletado antes das viagens foi oriundo do Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em relação às correntes teóricas que embasariam o trabalho de produção, além do conceito de *flâneur*, decidiu-se adotar o relato humanizado, praticado ou estudado por autores como BRUM (2008), JORGE (2008) e PEREIRA JÚNIOR (2009).

6.3 Coleta do material

Nesta fase, foram percorridos 4.231 Km ao longo de 16 dias não consecutivos. Além do tempo gasto com o deslocamento, os autores passaram dois dias em cada uma das seis cidades. A sequência de municípios visitados foi a seguinte: São Patrício (15 a 17 de agosto de 2015); Anhanguera (5 a 7 de setembro de 2015); São João da Paraúna, Cachoeira de Goiás e Moiporá (em virtude da proximidade geográfica dessas três cidades, a apuração nelas foi toda feita em uma mesma viagem, realizada entre os dias 10 e 15 de outubro de 2015); por último, Lagoa Santa (20 a 23 de outubro de 2015).

Ao chegarem aos municípios, praticavam o ato de *flanar* que, na definição de TORRES E PROCÓPIO (2014, p. 1) “é caminhar sem rumo, mas com perspicácia. O hábito procura observar os acontecimentos da cidade moderna, infiltrando-se em locais pouco conhecidos, interessando-se por personagens incógnitas e histórias esquecidas”.

Após esse reconhecimento inicial, os repórteres-*flâneurs* conversavam com uma pessoa escolhida aleatoriamente na rua. Desta conversa, em geral, eram abstraídos os principais fatos sobre a cidade e o entrevistado acabava por ciceronear a dupla de jornalistas, indicando-lhes outros personagens com histórias interessantes. A busca por essas histórias, no entanto, não se limitou às indicações do cicerone.

A apuração seguiu as fases descritas por JORGE (2008). São elas: observação; anotação e indexação; questionamento; organização dos apontamentos e avaliação.

A fase de questionamento mostrou-se a mais delicada, uma vez que as entrevistas não eram feitas com fontes oficiais, mas, sim, com pessoas simples, que não estavam acostumadas a serem inqueridas. Tal problema foi resolvido com uma conversa inicial antes da entrevista, conforme sugerido por BARBEIRO E LIMA (2003, p. 60): “Há entrevistados [...] que se sentem intimidados diante do jornalista por não estarem acostumados a dar entrevistas [...] Uma conversa informal ajuda a tranquilizar o entrevistado”.

Também mostrou-se de suma importância ouvir o entrevistado. Nas palavras de BRUM (2008, p. 151), “escutar de verdade, sem preconceitos. E se as pessoas me contam suas histórias é porque quiseram contar, porque me deram algo precioso: sua confiança”. Essa ideia é corroborada por OYAMA (2011, p. 28), para quem “o bom entrevistador é aquele que, antes de tudo, sabe ouvir”.

6.4 Impressões e verdade

Nesta etapa foram coletados, *in loco*, efeitos sonoros, a fim de dar maior credibilidade à série. De acordo com BARBEIRO E LIMA (2003, p. 56), “sons de carros no trânsito, chuva, buzinas, execução de uma música, refrão de torcedores e manifestantes passam o ‘clima’ do acontecimento”. Já nas palavras de MCLEISH (2001, p. 146), os efeitos sonoros “avivam a memória e criam imagens”. Daí a necessidade de capturar, nas cidades, sons e efeitos que possam auxiliar na narrativa.

McLeish também afirma que, nesta fase da produção, devem ser discutidos o uso de recursos moral ou eticamente questionáveis, como a câmera escondida. Ao longo da série *Cidadezinha Qualquer*, no entanto, os autores não sentiram necessidade de lançar mão de artifícios dessa natureza.

6.5 - Música

Por se tratar de um programa especial, a utilização de músicas no presente produto mostrou-se essencial. Cada uma das canções utilizadas foi cautelosamente

escolhida por possuir alguma relação com as histórias contadas – ou com a temática da série –, de modo que auxiliassem na construção da reportagem.

6.6 - Compilação

Durante esta fase da produção, todas as gravações de entrevistas foram analisadas para que, só então, fossem organizadas em um roteiro. Também nesta etapa foram selecionados os elementos literários que seriam utilizados na abertura de cada reportagem.

6.7 - Estrutura

Depois de realizada a apuração, a ideia inicial era de que cada episódio teria a seguinte estrutura: cabeça, abertura, trilha da série e a reportagem. A cabeça seria uma breve introdução sobre a reportagem, vinda antes do início da mesma. Uma espécie de chamada, feita por outra pessoa que não o locutor da reportagem. TAVARES (2011, p. 77) explica: “a primeira cabeça dá uma panorâmica do que o ouvinte/internauta acompanhará nos próximos dias, com os principais pontos das reportagens; as demais resumem o conteúdo que está indo ao ar”.

Em um segundo momento, contudo, optou-se pela não utilização de cabeças no começo das reportagens, porque a própria abertura das matérias já continha informações que estariam nas possíveis cabeças. Dessa forma, a colocação de cabeças significaria introduzir a introdução, o que deixaria a audição das reportagens repetitiva e, até mesmo, cansativa.

A abertura, que também cumpriu papel de cabeça, já é parte da reportagem. Na série *Cidadezinha Qualquer*, convencionou-se – baseado nos conceitos de *flâneur* e relato humanizado – buscar para a abertura de cada uma das reportagens um elemento literário (poesia, música, lenda, trecho de livro, entre outros) que tivesse relação com o assunto principal a ser abordado.

Esse estilo mais literário de abertura também é conhecido no jargão jornalístico como nariz-de-cera. Para o jornalista Paulo José Cunha, o nariz-de-cera “é a forma

antiga e romanceada de se redigir o início de uma notícia” (CUNHA apud JORGE, 2008, p. 136). Já Thaïs de Mendonça Jorge o define como uma “introdução filosófico-literária” (JORGE, 2008, p. 227). Com a invenção do lead, o nariz-de-cera caiu em desuso. Mais do que isso, tornou-se um estilo a ser evitado na redação de notícias. No gênero reportagem, contudo, ele ainda encontra espaço, como afirmam Sodré e Ferrari: “sair da convencional abertura informativa, em busca de estilo mais literário, pode ser uma alternativa para interessar o leitor” (SODRÉ E FERRARI, 1986, p. 68).

Na sequência, a trilha da série, além de identificar o produto, serve como uma pausa para que o ouvinte tenha tempo de absorver a informação contida na abertura, antes da continuidade da reportagem.

Por fim, também é importante ressaltar que desde o princípio decidiu-se pela utilização de um narrador. De acordo com McLeish essa é a decisão estrutural mais importante. Tal decisão foi tomada em concordância com o autor inglês que afirma que “um narrador ajuda o programa a cobrir uma área extensa num tempo bem curto” (MCLEISH, 2001, p. 193).

6.8 - Finalização

Com o roteiro já produzido, as reportagens foram editadas e montadas em estúdio, com o auxílio de um técnico.

Nesta fase, é importante destacar duas opções que caracterizam a série. A primeira diz respeito ao uso de sonoras curtas. Optou-se por seguir as orientações de Barbeiro e Lima, que dizem:

“Podemos considerar razoável o tempo de 30 segundos para cada sonora, mas há exceções: um assunto importante, uma declaração polêmica, a necessidade de ouvir o outro lado e até a capacidade de síntese do entrevistado influem no tempo de edição”. (BARBEIRO E LIMA, 2003, p. 78)

A outra opção está relacionada ao que Sodré e Ferrari chamam de tempo do texto. Vamos ao que dizem os autores:

“Será preciso usar com habilidade cortes na narração, para aumentar a expectativa do leitor – o que retarda o tempo; por outro lado, deverá haver momentos de aceleração, tomados de empréstimo à *action-story*. Aqui e ali, desvios no fio narrativo, através de sequências marginais, por vezes anedóticas, sempre curtas. Esse recurso é utilizado amplamente com variadas funções: amenizar a possível aridez de um assunto, adjetivar a narrativa, enriquecer um personagem, valorizar circunstâncias ambientais. Mas, em qualquer caso, ocasiona interrupção do tempo da história, o que resulta num retardamento do tempo do texto” (SODRÉ E FERRARI, 1986, p. 95 e 96).

Seguindo essas orientações dos autores para a produção de uma reportagem-conto, decidiu-se aplicar um ritmo de locução específico para cada trecho da reportagem.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a série, a equipe acredita ter contribuído para a inserção, mesmo que ainda tímida, das referidas cidades nos meios de comunicação. O presente projeto permite que a população dos grandes centros urbanos conheça algumas histórias e veja algumas imagens (através do site e das redes sociais da série) dos seis menores municípios goianos, a fim de quebrar o estereótipo de que a vida no interior é parada e sem grandes acontecimentos.

Poucos habitantes do Distrito Federal poderiam imaginar que a apenas 356 quilômetros de distância existe uma cidade chamada São João da Paraúna, em que cerca de 12% da população já foi buscar uma vida melhor nos Estados Unidos. Ou mesmo que a 312 quilômetros, em São Patrício, mora um padre apelidado de “Bebezão” que bebe, fuma e já foi casado, mas, mesmo assim, é amado pela população por pregar – com grande conhecimento de causa – a tolerância e o respeito.

Metrópole e interior são vizinhos que, por vezes, se encontram no elevador, mas são incapazes de trocar um mero bom dia. João do Rio, um dos principais *flâneurs* do país, afirma:

“O Rio pode conhecer muito bem a vida do burguês de Londres, as peças de Paris, a geografia da Manchúria e o patriotismo japonês. A apostar, porém, que não conhece nem a sua própria planta, nem a vida de toda essa sociedade, de todos esses meios estranhos e exóticos, que todas as profissões que constituem o progresso, a dor, a miséria da vasta Babel que se transforma.” (DO RIO, apud TORRE E PROCÓPIO, 2014, p. 6).

Para a jornalista Eliane Brum, “num país tão desigual como o Brasil, é missão da imprensa aproximar mundos. E só o encontro honesto, verdadeiro, permite reconhecimento e transformação” (BRUM, 2008, p. 243).

A impressão que se tem, contudo, é que a própria imprensa tem falhado nessa missão. Atualmente, em razão, sobretudo, da escassez de recursos financeiros, o jornalismo tem concentrado suas atividades nas redações. O processo de apuração fica, muitas vezes, limitado a contatos telefônicos e pesquisas na internet.

Em paralelo, o imediatismo da internet é um fator que desestimula as empresas de comunicação a enviarem jornalistas para fora dos grandes centros urbanos e se

dedicarem a produção de grandes reportagens, algo que demanda tempo e, novamente, dinheiro.

Assim, o jornalismo atual – salvo exceções – se enquadrou numa rotina de ouvir sempre as mesmas fontes oficiais, para contar, quase sempre, as mesmas histórias. Acontece muitas vezes, inclusive, de o repórter receber informações de fontes por telefone e sair à rua apenas para confirmar seu *lead*, ignorando ou minimizando outras informações que poderiam ter um interesse público maior.

Sair das redações sem uma pauta para explorar uma cidade desconhecida – como prega a filosofia do repórter-*flâneur* – é algo praticamente inimaginável no contexto do jornalismo atual. E, justamente por não estar acostumada a essa experiência, a equipe de Cidadezinha Qualquer enfrentou dificuldades para produzir a primeira reportagem, sobre a cidade de São Patrício. Após passar dois dias *flanando* no município, a dupla ouviu diversos relatos, mas não conseguiu estabelecer uma ordem hierárquica entre elas.

Com o auxílio da orientadora Nélia Del Bianco, os autores conseguiram definir o *lead* da reportagem e, mais do que isso, aprenderam a liberar o olhar para que, nas reportagens seguintes, fossem capazes de ouvir as histórias dos moradores sem julgá-las a fim de querer estabelecer um *lead*. Desse modo, a produção dos outros episódios da série tornou-se bem mais fácil.

Por fim, é importante dizer que o projeto teve uma contribuição pessoal para os autores. Após a produção da série, eles desenvolveram um novo olhar sobre a vida no interior e, ao ouvirem as histórias das pessoas simples que habitam essas cidades, também evoluíram como seres humanos. Afinal, como bem afirma Eliane Brum, “a gente não mergulha no mundo do outro impunemente. E depois vai embora como se nada tivesse acontecido. Toda viagem é sem volta” (BRUM, 2008, p. 181).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Radiojornalismo**: Produção, ética e internet. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

BRUM, Eliane. **O Olho da Rua**: Uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.

COVEIRO arrenda área de cemitério para agricultor plantar amendoim. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/vc-no-g1-go/noticia/2014/02/coveiro-arrenda-area-de-cemiterio-para-agricultor-plantar-amendoim.html>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**: Goiás. 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=52&search=goias>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do Foca**: Guia de sobrevivência para jornalistas. São Paulo: Contexto, 2008.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio**: Um guia abrangente de produção radiofônica. 4. ed. São Paulo: Summus, 2001.

OYAMA, Thaís. **A Arte de Entrevistar Bem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A Apuração da Notícia**: Métodos de investigação na imprensa. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PRADO, Magaly. **Produção de Rádio: Um manual prático**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SATURNINO, Rodrigo. **O Último Suspiro do Flâneur**. Lisboa, 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/saturnino-rodrigo-o-ultimo-suspiro-do-flaneur.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística**. 7. ed. São Paulo: Summus, 1986.

TAVARES, Mariza. **Manual de Redação CBN**. São Paulo: Globo, 2011.

TORRES, Cibelih Hespanhol; PROCÓPIO, Mariana Ramalho. Estudos e experiências de uma prática flâneur como alternativa ao jornalismo. **Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p.1-13, jan./jun. 2014. Semestral. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/8691/7950>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

ANEXOS

Anexo 1 – Roteiro da reportagem de São Patrício

TEC.: ENTRA VINHETA DA SÉRIE

TEC: ENTRAM RUIDOS VENTO, ARVORES, PASSAROS... FICA EM BG

LOC.: CASAS ENTRE BANANEIRAS. MULHERES ENTRE LARANJEIRAS. POMAR, AMOR, CANTAR. UM HOMEM VAI DEVAGAR. UM CACHORRO VAI DEVAGAR. UM BURRO VAI DEVAGAR. DEVAGAR... AS JANELAS OLHAM. ETA VIDA BESTA, MEU DEUS!

TEC: SOBE E DESCE BG COM MÚSICA DE VIOLA CAIPIRA SUAVE

LOC.: MUITOS MUNICÍPIOS DO INTERIOR DO BRASIL SE ENCAIXAM NA DESCRIÇÃO DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE IMORTALIZADA NO POEMA CIDADEZINHA QUALQUER, ESCRITO NOS ANOS 30. SÃO LUGARES ONDE TODOS OS MORADORES SE CONHECEM, A PRAÇA DA IGREJA É O PRINCIPAL PONTO DE REFERÊNCIA E OS PONTEIROS DOS RELÓGIOS TRABALHAM NUMA PREGUIÇA.

TEC: ENTRA POVO FALA

Mulher: “Aqui é bem tranquilo”

Homem: “É um lugar bom, graças a Deus, tranquilo, é bom”

Mulher jovem: “Nossa, aqui é muito parado, gente. Não tem nada para fazer”

Idoso: “Ah! Aqui é bom, aqui é um lugar sossegadinho, né?”

TEC.: DEPOIS MIXA COM A MÚSICA DE VIOLA CAPIRA INSTRUMENTAL

LOC.: OS DEPOIMENTOS SAO DE MORADORES DE SÃO PATRÍCIO, MUNICIPIO DO CENTRO-NORTE DE GOIÁS, A 312 QUILOMETROS DE BRASÍLIA, QUE TEM APENAS 1.990 HABITANTES. PESSOAS QUE LEVAM UMA VIDA CALMA COMO NOS VERSOS DE DRUMMOND.

LOC.: MAS QUEM CHEGA A SÃO PATRÍCIO NO DIA QUINZE DE AGOSTO ENCONTRA UMA REALIDADE BEM DIFERENTE.

TEC: ENTRAM RUÍDOS DE FUNDO DA CIDADE EM FESTA E FICA DE BG

LOC.: É O DIA DO ANIVERSARIO DA CIDADE, FESTEJADO COM FEIJOADA E CERVEJA DE GRAÇA, DESFILE DE CAVALOS E MUITA MÚSICA. É CAMINHÃO DE SOM, PICK-UP DE SOM, CARRO DE SOM, MOTO DE SOM E, ACREDITE, TEM ATÉ CARROÇA DE SOM.

LOC.: A IMPRESSÃO É QUE TODAS AS COISAS COM RODAS POSSUEM UM APARELHO POTENTE O BASTANTE PARA IMPEDIR QUALQUER TENTATIVA DE CONVERSA. NO REPERTÓRIO MUSICAL, AXÉ, FORRÓ, FUNK E, CLARO, MUITO SERTANEJO. TUDO AO MESMO TEMPO. A INTENÇÃO É FAZER BARULHO.

TEC: CARRO DE SOM TOCANDO SERTANEJO

LOC.: NÃO HÁ DÚVIDAS, O ANIVERSÁRIO DA CIDADE É O PRINCIPAL ACONTECIMENTO DE SÃO PATRÍCIO. PARA SE TER IDEIA, O NÚMERO DE PESSOAS AUMENTA MAIS DE SETE VEZES EM MENOS DE 12 HORAS. SÃO MORADORES DE CIDADES PRÓXIMAS, COMO CERES, RUBIATABA E CARMO DO RIO VERDE. LUGARES MINÚSCULOS PERTO DAS METRÓPOLES, MAS GRANDES EM RELAÇÃO A SÃO PATRÍCIO. A FESTA VAI MADRUGADA A DENTRO.

TEC.: SOM DA FESTA EM FADE OUT

SE A NOITE É DE FESTA, A MANHÃ É DE RESSACA.

TEC: TRANSIÇÃO PARA O DIA, GALO CANTANDO

LOC.: ENQUANTO SÃO PATRÍCIO AINDA AMANHECE DEVAGAR, UM MORADOR PROCURA O ÚNICO HOSPITAL DA CIDADE. FELIZMENTE, NADA GRAVE. ELE RECEBE UM ANALGÉSICO DA ENFERMEIRA JULIANA PRADO E SE DÁ POR SATISFEITO. JULIANA, DE APENAS 23 ANOS, CHEFIA UMA DAS DUAS EQUIPES

DE ENFERMAGEM QUE, NA FALTA DE MÉDICOS, SE REVEZAM PARA MANTER O CENTRO DE SAÚDE FUNCIONANDO. A ROTINA DO HOSPITAL SE RESUME A ATENDIMENTOS BASICOS.

SONORA JULIANA: “O pessoal aqui, eles têm mania de hospital, você entendeu? Eles imaginam que vão sentir uma dor de cabeça eles vêm. Então, o paciente não sai daqui. Tem paciente que é todos os dias, durante a semana, eles estão aqui”

O HOSPITAL CONTA COM UMA ESTRUTURA MELHOR DO QUE A DE MUITAS CIDADES GRANDES. ENFERMARIA, CONSULTÓRIOS E ATÉ UM CENTRO CIRÚRGICO RECÉM-INAUGURADO. TODA ESSA ESTRUTURA FEZ COM QUE JULIANA DEIXASSE A CIDADE NATAL PARA TRABALHAR EM SÃO PATRÍCIO. APESAR DISSO, OS EQUIPAMENTOS MAIS UTILIZADOS NO HOSPITAL SÃO AS TRÊS AMBULÂNCIAS QUE LEVAM OS PACIENTES ATÉ CERES, POIS EM SAO PATRICIO NAO HÁ MEDICOS.

SONORA JULIANA 2: “Aqui é só mais... Chega uma emergência, você manda para Ceres. Se for caso que a gente resolve aqui, a gente resolve por aqui mesmo, mas casos mais graves é tudo para Ceres”

INFELIZMENTE, A ESTRADA PARA CERES, QUE PODE SALVAR VIDAS, ÀS VEZES ACABA COM ELAS. NA MADRUGADA DA FESTA, UM MOTOCICLISTA MORREU APÓS BATER DE FRENTE COM UM CARRO. OS DOIS CONDUTORES ESTAVAM EMBRIAGADOS.

TEC.: BARULHO DE FREADAS E BATIDAS NA ESTRADA

O CASO ESTÁ LONGE DE SER ISOLADO, COMO AFIRMA O SARGENTO GABRIEL DOS SANTOS, QUE ATENDEU A OCORRÊNCIA.

SONORA GABRIEL 1: “O trânsito aqui, principalmente, quando eles ativam a usina, porque a usina aqui trabalha por temporada. E quando eles ativam a usina, o fluxo de

veículos, de caminhão pesado, o movimento aumenta na cidade e na zona rural. Então acontece muito acidente”

GABRIEL ERA O RESPONSÁVEL PELO PLANTÃO NA NOITE DO ACIDENTE. ALIÁS, O POLICIAMENTO DE SÃO PATRÍCIO SÓ FUNCIONA NESSE ESQUEMA. QUANDO HÁ NECESSIDADE, COMO EM DIAS DE FESTA, UMA DUPLA DE MILITARES É DESLOCADA DO MUNICÍPIO MAIS PRÓXIMO, CARMO DO RIO VERDE, QUE FICA A TREZE QUILÔMETROS DE DISTANCIA. MAS, GERALMENTE, A CIDADE FICA SEM NENHUM POLICIAL.

SONORA GABRIEL 2: “Seis a sete anos atrás, tinha um efetivo. Hoje, nós estamos passando por um problema de falta de efetivo e isso é o estado inteiro, né? É o país inteiro e, com essa falta de efetivo, muitas coisas vão deixando de ter, né? Nos três anos que eu trabalhei aqui, tinha seis policiais, sete. Hoje não tem nenhum. A gente vem aqui trabalhar por banco de horas, na folga a gente vem trabalhar aí fica dez horas, doze horas, às vezes 24 horas, depende do que a gente ganha”

LOC.: A SORTE DE SÃO PATRÍCIO É QUE TAMBÉM NÃO ACONTECEM MUITOS CRIMES POR LÁ. DE JANEIRO A AGOSTO, APENAS 19 OCORRÊNCIAS FORAM REGISTRADAS NA CIDADE. A MAIOR PARTE DELAS RELACIONADAS AO TRÂNSITO.

SONORA GABRIEL 3: “Normalmente, as ocorrências aqui são corriqueiras é Maria da Penha, é um furto de residência, furto de zona rural, né? Propriedade rural ou furto de gado. Essas coisinhas simples”

TEC.: BG TRANSIÇÃO PARA A TARDE

LOC.: A TARDE CAI EM SÃO PATRÍCIO. NA ÚNICA AVENIDA DA CIDADE, O QUE RESTOU DA FESTA SAO LATAS DE CERVEJA E FEZES DE CAVALO.

TEC.: SOBE E DESCE BG

LOC.: A CIDADE PARECE TER VOLTADO AO RITMO NORMAL. UM HOMEM VAI DEVAGAR. UM CACHORRO VAI DEVAGAR... EM FRENTE ÀS CASAS, RODAS DE CONVERSAS SE FORMAM. EM UMA DELAS, DONA MARIA DAS GRAÇAS RECEBE PARENTES E AMIGOS PARA JOGAR CONVERSA FORA.

SONORA MARIA 1: “A gente reúne assim nos finais de semana, tá sempre com a família. Aí é os sobrinhos, os irmãos, a mãe, a gente reúne muito pra sentar na porta da sala assim pra ficar conversando, brincando. Aí passa um a gente grita, né? Conversa, porque aqui todo mundo conhece todo mundo, sabe da vida de todo mundo também, né?”

LOC.: PROFESSORA APOSENTADA, MARIA NASCEU EM SÃO PATRÍCIO NA ÉPOCA EM QUE A CIDADE AINDA ERA UM DISTRITO DE CARMO DO RIO VERDE.

SONORA MARIA 2: “A gente foi criado na fazenda do meu vô aqui, a fazenda Batatal, encostado aqui na cidade, nesse córrego ali que é a divisa. Eu comecei a trabalhar com oito anos de idade, trabalhei muito na roça, eu trabalhava todos os serviços da roça, tirava leite. Depois passei a dar aula. Agora, hoje aqui eu fico mais em casa, ou então quando as pessoas precisam de mim, eu estou pronta assim para ajudar”

LOC.: SÃO PATRÍCIO CONTA COM DOIS MERCADOS, TRÊS BARES, UMA AGÊNCIA BANCÁRIA E UMA CASA LOTÉLICA. NA OPINIAO DE DONA MARIA, FALTA APENAS UM SERVIÇO.

SONORA MARIA 3: “Desde que eu nasci, tinha ônibus aqui. Daqui para Carmo do Rio Verde, pra Ceres. Hoje em dia não tem ônibus mais. Só quem tem carro aqui que vai, ou as pessoas vão pra ponta da rua ali pra pedir carona”

LOC.: MESMO SEM TRANSPORTE PÚBLICO, DONA MARIA É APAIXONADA PELA CIDADE ONDE NASCEU E CRIOU OS FILHOS.

TEC: “Às vezes as pessoas pensa: ‘Ah, é do interior, lugar pequenininho, o pessoal é meio pacato’. Aqui não. Aqui a gente conhece as coisas da roça e as coisas da cidade

porque todo mundo tem TV. Então, eu acho que a gente é privilegiado por isso. Meus filhos estudaram aqui, saíram, prestaram vestibular e passaram, todos, né? Aqui quem estuda aqui, consegue. Aqui tem juiz, que estudou aqui. Tem muitos médicos já. E várias profissões. E fizeram ensino médio aqui”

TEC: TRANSIÇÃO PARA A NOITE, GRILOS, SINO DA IGREJA

LOC.: CHEGA A NOITE DE DOMINGO. ANTES DE SE DESPEDIREM DO FINAL DE SEMANA, OS MORADORES CUMPREM UM HÁBITO BASTANTE CONSERVADO NAS PEQUENAS CIDADES: IR À IGREJA. EM SÃO PATRÍCIO, MAIS DO QUE UMA CELEBRAÇÃO RELIGIOSA, A MISSA REPRESENTA UM ENCONTRO COM A FIGURA MAIS CONHECIDA DA CIDADE.

TEC: ENTRA POVO FALA

Mulher: “O padre aqui é jovem, bebe, fuma”

Jovem: “Quem não conhece o Bebezão, gente ,uma figura”

LOC.: MAS, AFINAL, PORQUE JOÃO BATISTA DA SILVA FICOU CONHECIDO COMO BEBEZÃO?

SONORA BEBEZÃO 1: “Por que Bebezão? Porque eu chamo todo mundo de bebê. Aí a galera, os jovens principalmente: ‘ô Bebezão, Bebezão’. Quando eu comprei este carro, coloquei ali Bebezão. É um apelido, pegou!”

LOC.: DEFINITIVAMENTE, BEBEZÃO É UM PADRE FORA DO COMUM

SONORA BEBEZÃO 2: “Eu me apaixonei, uma mulher linda. Então, eu cheguei ao bispo, disse: ‘Eu estou deixando o ministério’. Eu disse: ‘olha, Dom, eu amo, não tem como escapar. Eu estou indo embora amanhã da paróquia. Então, você arrume outro padre, porque não vai ter mais padre lá’. Fiz a minha malinha, peguei ela, a gente foi embora. Quando, de repente, ela sentiu algo, descobrimos um câncer, que foi fatal, né? Metástase. Aí veio a falecer.. Dom Eugênio estava sempre presente, ele disse: ‘olha,

você pode retornar para o ministério'. Aí voltei para o ministério e voltei a ser padre de novo.

LOC.: BEM FORA DO COMUM..,

SONORA BEBEZÃO 3: “O pessoal compra cervejinha para mim, porque sabe que eu gosto. Então, é um pessoal que me acolheu mesmo, né? Com os meus pecados. Não é porque eu sou padre que eu sou santo, não sou...”

TEC.: SOBE BG MÚSICA DE ESTRADA

LOC.: APÓS UM FIM DE SEMANA AGITADO, É HORA DE DIZER ADEUS A SÃO PATRÍCIO E SEGUIR EM BUSCA DE OUTRAS CIDADEZINHAS COM MENOS DE DOIS MIL HABITANTES.

SONORA JULIANA 3: “Nossa! Menor que São Patrício ainda?”

TEC.: SOBE BG E CORTA

TEC.: ENTRA VINHETA DE ENCERRAMENTO

Anexo 2 – Roteiro da reportagem de Lagoa Santa

TEC.: ENTRA BG MÚSICA CALMA

LOC.: VOCÊ JÁ FOI A UMA CIDADE QUE TEM MAIS CAMAS DE HOTEL DO QUE HABITANTES? O MUNICÍPIO GOIANO DE LAGOA SANTA É ASSIM: SÃO 1.300 LEITOS DISTRIBUÍDOS ENTRE 27 POUSADAS E HOTÉIS, MAS A CIDADE TEM APENAS 1.254 HABITANTES. PARA SE TER UMA NOÇÃO, O DISTRITO FEDERAL CONTA COM 50 MIL LEITOS, NÚMERO BEM DISTANTE DOS 2,5 MILHÕES DE MORADORES. MAS, AFINAL, POR QUE A PEQUENA LAGOA SANTA TEM TANTAS CAMAS DE HOTEL ASSIM?

TEC.: ENTRA VINHETA DA SÉRIE

TEC.: SOBE SOM DA LAGOA SANTA E FICA DE BG

LOC.: 3,6 MILHÕES DE METROS CÚBICOS DE ÁGUA QUENTINHA E CRISTALINA JORRAM DO SOLO A CADA HORA EM LAGOA SANTA. ALÉM DA FONTE TERMAL, A FAUNA E A FLORA DIVERSIFICADAS FAZEM DO MUNICÍPIO, NO SUDOESTE DE GOIÁS, A 638 QUILÔMETROS DE BRASÍLIA, UM PONTO TURÍSTICO CONCORRIDO NOS FERIADOS.

TEC.: ENTRA POVO FALA LAGOA SANTA

Homem: “Vale a pena! Um lugar maravilhoso, água limpa. Atração, principalmente para as crianças, né? Não correr tanto risco, é espetacular!”

Homem 2: “Acredito que, se continuar dessa forma, tem tudo para continuar com essa beleza natural que a gente tem aqui”

Homem 3: “Realmente, cara, é muito lindo aqui. Uma paisagem muito bela e, como se diz, uma natureza exuberante!”

LOC.: MAS TODA ESSA BELEZA NATURAL TEM UM ÚNICO DONO. A LAGOA QUE DÁ NOME À CIDADE UM DIA FOI PÚBLICA, HOJE PERTENCE A UMA FAMÍLIA DO RIO DE JANEIRO. OS ROCHA CHEGARAM À REGIÃO NO FINAL DA DÉCADA DE 80

E VIRAM POTENCIAL TURÍSTICO NO VILAREJO. O HERDEIRO DO LUGAR, SÉRGIO ROCHA, LEMBRA COMO O PAI SE TORNOU DONO DA LAGOA.

SONORA SÉRGIO 1: “Falaram para ele que havia uma lagoa aqui. Ele se interessou, veio aqui e requereu a área para, desde que o DNPM dá a concessão de lavra, desde que você invista. Foi isso que ele fez, investiu e o DNPM deu a ele a concessão de lavra para ele explorar a Lagoa Santa”

LOC.: A FAMÍLIA ROCHA CONSTRUIU UM HOTEL ÀS MARGENS DA LAGOA DE ÁGUA TERMAL, CERCOU A REGIÃO E PASSOU A COBRAR INGRESSOS PARA VISITANTES NÃO-HÓSPEDES. O PREÇO DA ENTRADA VARIA DE 10 REAIS EM DIAS DE SEMANA A 35 EM FERIADOS. A COBRANÇA DIVIDE OPINIÕES DE TURISTAS.

TEC.: ENTRA POVO FALA

Homem 4: “Justo, dez reais!”

Homem 5: “Uma ajuda de custo, sim, não explorar, né? Poderia ser todos os dias dez reais”

Mulher1: “Acaba sendo uma forma de proteger”

Homem 6: “Se não cobrasse, não teria nem esse mínimo que a gente tem de organização, de limpeza”

LOC.: MORADORES MAIS ANTIGOS FICARAM CONTRARIADOS COM O FECHAMENTO DO PERÍMETRO. NO ENTANTO, O PIONEIRO TITO DE OLIVEIRA, 79 ANOS, EXPLICA QUE A POPULAÇÃO FICOU DE MÃOS ATADAS.

SONORA TITO1: “Houve um erro muito grande das famílias que teve a coragem de ter o poder nas mãos, de ter o direito que eles tinham de terra e ter a coragem por um preço muito pouco. Só que a gente teve que concordar porque os homens conseguiram autorização com órgãos federais e nós não tivemos como combatê-la. Porque o povo aqui, infelizmente, não tinha assim grande conhecimento do que poderia acontecer. Pessoas são mais inocentes, nunca pensaram que poderia chegar o ponto de nós

termos nas mãos uma pedra de diamante, que só faltava ser lapidada, e outra pessoa vir de outras áreas e pegar, tomar conta dessa pedra”

LOC.: O PRÓPRIO SÉRGIO ROCHA, DONO DO HOTEL, RECONHECE QUE OS MORADORES NÃO GOSTARAM MUITO DA PRIVATIZAÇÃO DO ESPAÇO, MAS AFIRMA QUE A CHEGADA DO HOTEL TROUXE DESENVOLVIMENTO À LAGOA SANTA.

SONORA SÉRGIO 2: “Os que estavam aqui não reagiram lá muito bem, porque é um pessoal que veio de fora, pegou a concessão e passou a explorar. Mas eu entendo que hoje, eles já estão vendo todo o progresso que veio com isso, o hotel que trouxe. Não tinha energia elétrica, não tinha telefone, não tinha asfalto e tudo isso foi feito através, principalmente, com a nossa vinda para cá, porque desde que nós nos instalássemos aqui, o governo prometeu que traria esses três itens principais”

LOC.: COM O HOTEL DA FAMÍLIA ROCHA, DE FATO, O TURISMO CRESCEU EM LAGOA SANTA. O ESTABELECIMENTO, QUE SÓ TEM 30 QUARTOS, NÃO CONSEGUE COMPORTAR TANTOS VISITANTES. NA ALTA TEMPORADA, MAIS DE DUAS MIL PESSOAS PASSAM PELA LAGOA EM APENAS UM DIA. OS PREÇOS DAS DIÁRIAS DISPARAM DE 200 PARA 800 REAIS. PARA ABSORVER O MOVIMENTO, VÁRIOS MORADORES COMEÇARAM A CONSTRUIR POUSADAS. A PESQUISADORA DE LAGOA SANTA, ELAINE FREITAS, EXPLICA O FENÔMENO.

SONORA ELAINE1: “Tá crescendo e não para de crescer. Porque quem começou esses hotéis e pousadas aqui eram as pessoas que tinham uma renda baixa, abaixo do básico. Esse pessoal, eles tinham uma vida muito precária. E essas pessoas, hoje, são os donos da pousada. E, no Brasil, é assim: se você vê aquela pessoa ganhando dinheiro com o hotel e pousada, naturalmente, eu vou montar para mim um hotel e uma pousada”

LOC.: NO MEIO DE TANTAS OPÇÕES DE HOTEIS E POUSADAS, OS PROPRIETÁRIOS PRECISAM DE ALGUM DIFERENCIAL PARA DESTACAR O NEGÓCIO. É AÍ QUE ENTRA A FIGURA DO RADIALISTA ALEXANDRE NOGUEIRA.

TEC.: ENTRA BG RÁDIO-POSTE

LOC.: DEPOIS DE TRABALHAR EM RÁDIOS DE SÃO LUIS DO MARANHÃO E BRASÍLIA, ALEXANDRE NOGUEIRA SE MUDOU COM A MULHER PARA LAGOA SANTA. A ESPOSA SOFRE DE OSTEOPOROSE E A FISIOTERAPIA NAS ÁGUAS TERMAIS DA CIDADE A AJUDA NO TRATAMENTO DO PROBLEMA DE SAÚDE. MESMO NO PEQUENO MUNICÍPIO, ALEXANDRE NÃO ABANDONOU A PROFISSÃO E INAUGUROU A RÁDIO ESTÚDIO-CIDADE. PARA SINTONIZÁ-LA NÃO É NECESSÁRIO UMA ANTENA. O SOM VEM DOS POSTES DE LUZ, QUE ILUMINAM A CIDADE.

SONORA ALEXANDRE 1: “Como eu vim para cá e aqui tem dois mil habitantes aqui não tem rádio, não tem televisão, é tudo parabólica. Eu falei: ‘pô, eu tenho que fazer alguma coisa’. Aí peguei essa ideia de montar esse estúdio comunitário. São 16 caixas de som, tipo uns postes, no centro da cidade, e eu distribuo nossa programação na nossa Lagoa Santa”

TEC.: ALÉM DE MÚSICA DE TODOS OS ESTILOS, A RÁDIO DE ALEXANDRE VEICULA PROPAGANDAS DAS POUSADAS E RESTAURANTES DA REGIÃO. ATUALMENTE, A RÁDIO ESTÚDIO-CIDADE ESTÁ COM 12 ANUNCIANTES QUE PAGAM 100 REAIS POR MÊS PARA DIVULGAR OS NEGÓCIOS.

SONORA ALEXANDRE 2: “De anúncio eu tenho pousada, supermercado – que só tem três supermercados, os dois mais fortes fazem publicidade comigo – e aí eu dou dica, informações, eu dou utilidade pública. Às vezes, a pessoa perde uma carteira na entrada da lagoa e ‘onde eu posso anunciar?’. Vai no Estúdio-Cidade. Aí o estúdio anuncia e logo encontra a carteira com os documentos”

TEC: ENTRA MÚSICA INCIDENTAL, DESCE BG

LOC.: DE POUSADA EM POUSADA, LAGOA SANTA TEM HOJE MAIS CAMAS DO QUE HABITANTES. O NÚMERO DE RESTAURANTES E LOJAS TAMBÉM CRESCEU. MAS, COMO DIZ O DITADO POPULAR, QUANTIDADE NÃO É QUALIDADE. A

CIDADE SOFRE COM VÁRIOS PICOS DE ENERGIA AO LONGO DO DIA. NOS RESTAURANTES, OS TURISTAS FAZEM REFEIÇÕES AO LADO DE GATOS E CACHORROS. E, APESAR DE RECEPTIVOS, OS PRESTADORES DE SERVIÇOS NÃO SÃO TREINADOS. É O QUE EXPLICA O SECRETÁRIO DE TURISMO E COMÉRCIO, VALDEIR REZENDE.

SONORA VALDEIR 1: Eu acredito que esse é o nosso grande ponto fraco. A nossa cidade hoje tem um déficit muito grande na qualidade do atendimento. O material humano não tem qualificação. Nós pecamos demais nisso, nosso município não atende bem. Hotéis, restaurantes, lanchonetes, tudo nós precisamos de melhorias no nosso município. Capacitação pessoal, primordial, o nosso maior déficit hoje.

LOC.: CAPACITADA OU NÃO, A MÃO DE OBRA DE LAGOA SANTA ESTÁ TOTALMENTE EMPREGADA. GRAÇAS À DEMANDA TURÍSTICA, O MUNICÍPIO NÃO SOFRE COM O DESEMPREGO, UM DOS PRINCIPAIS PROBLEMAS DAS OUTRAS CIDADES COM MENOS DE DOIS MIL HABITANTES. LAGOA SANTA ESTÁ LONGE DISSO E AINDA EMPREGA MORADORES DE SÃO JOÃO DO APORÉ, DISTRITO SUL-MATOGROSSENSE SEPARADO DO MUNICÍPIO GOIANO APENAS POR UMA PONTE DE SESENTA METROS. A VIAGEM ENTRE OS DOIS MUNICÍPIOS, NO ENTANTO, LEVA EXATAMENTE UMA HORA. NÃO PELA DISTÂNCIA, MAS SIM POR CONTA DO FUSO HORÁRIO. EM GOIÁS, OS RELÓGIOS ESTÃO ADIANTADOS UMA HORA COM RELAÇÃO AO MATO GROSSO DO SUL.

TEC.: EFEITO DE RELOGIO

A AUXILIAR DE COZINHA, VALDINA DE OLIVEIRA, FAZ A TRAVESSIA DA PONTE TODOS OS DIAS PARA TRABALHAR EM UMA POUSADA DE LAGOA SANTA. APESAR DE MORAR NO MATO GROSSO DO SUL, DEIXA O RELÓGIO AJUSTADO AO HORÁRIO DE GOIÁS.

SONORA VALDINA 1: “A gente usa o horário de Goiás, porque a gente trabalha lá, a escola também é lá, né? Tudo que a gente faz é ali. Banco, é posto de saúde, então eles que levam a gente pra Paranaíba fazer um exame, pra serviço, pra médico, pra tudo, pra

banco, lotérica, tudo é ali. Pra cá não tem, por isso todo mundo atravessa pro outro lado, porque aqui não tem serviço pra cá. Não tem. Apesar de que a Lagoa Santa não tem indústria, mas tem muito serviço de restaurante, então todo mundo é empregado. Aí tem também os clubes, que os homens trabalham nos clubes, na limpeza. Então quer dizer assim, que aqui no Aporé não tem serviço, né. Então, a gente, eu acho que tá tudo esquecido aqui”

TEC.: ENTRA MÚSICA, DESCE BG

ASSIM COMO A DIFERENÇA DE FUSOS, O TURISMO TAMBÉM PARECE FAZER COM QUE LAGOA SANTA SEJA A CIDADE MAIS ADIANTADA DA REGIÃO.

SONORA TITO 2: “Daqui em Paranaíba é 72 quilômetros, né. Eu saindo, daqui a uma hora eu chego a Paranaíba a uma hora. Eu não gasto nada daqui pra lá. É muito mais rápido do que o próprio som”

TEC.: SOBE BG E CORTA

TEC.: ENTRA VINHETA DE ENCERRAMENTO

Anexo 3 – Roteiro da reportagem de São João da Paraúna

TEC: ENTRA MÚSICA “DE REPENTE, CALIFÓRNIA”, MANTÉM PRIMEIRA ESTROFE (ATÉ “O MEU DESTINO É SER STAR”), DESCE BG

LOC: A ESTÁTUA DA LIBERDADE É A PRIMEIRA VISÃO QUE UM IMIGRANTE EUROPEU TEM AO CHEGAR AOS ESTADOS UNIDOS DE NAVIO. A ESCULTURA CARREGA EM SI TODA A SIMBOLOGIA DO AMERICAN DREAM: O SONHO DE QUE, NAQUELA TERRA, TODOS TÊM A OPORTUNIDADE DE LUTAR POR UMA VIDA MELHOR.

TEC: SOBE BG (TRECHO: “NA CALIFÓRNIA É DIFERENTE”), DESCE EM FADE OUT E CORTA

LOC: MAS QUEM VEM DA PARTE DE BAIXO DO EQUADOR SE DEPARA COM UM CENÁRIO COMPLETAMENTE DIFERENTE. UM RIO PROFUNDO E DE ÁGUAS GÉLIDAS, UM DESERTO ÁRIDO E POLICIAIS MUITO BEM ARMADOS DÃO AS BOAS-VINDAS A QUEM TENTA ENTRAR ILEGALMENTE PELA FRONTEIRA DO MÉXICO.

TEC: ENTRAM SONS DE POLÍCIA, CÃES, TIROS...

LOC: AGORA IMAGINE SE MAIS DE 10% DA POPULAÇÃO DE UMA CIDADE DEIXASSE SUA CASA PARA ARRISCAR A VIDA NESSA TRAVESSIA RUMO AO SONHO AMERICANO. NO CASO DO DISTRITO FEDERAL, SERIA UM NÚMERO PERTO DE 250 MIL PESSOAS. IMAGINOU? POIS FOI EXATAMENTE O QUE ACONTECEU NO MUNICÍPIO GOIANO DE SÃO JOÃO DA PARAÚNA.

TEC: ENTRA VINHETA DA SÉRIE

LOC: LOCALIZADA NO CENTRO-SUL DE GOIÁS, A 356 KM DE BRASÍLIA, SÃO JOÃO DA PARAÚNA TEM 1.689 HABITANTES. SEGUNDO OS MORADORES, MAIS DE 200 PESSOAS JÁ FORAM PARA OS ESTADOS UNIDOS EM BUSCA DE UMA VIDA MELHOR. A MAIORIA DAS FAMÍLIAS DO MUNICÍPIO TEM PELO MENOS UM

MEMBRO QUE MORA OU MOROU NO PAÍS NORTE-AMERICANO. O MAIS CURIOSO É QUE TODOS ELES VÃO PARA A MESMA CIDADE: SÃO FRANCISCO, NO ESTADO DA CALIFÓRNIA.

TEC: ENTRA POVO FALA

Mulher: “Naquela época era difícil faculdade assim, não tinha, interior não tinha faculdade. Pra você se formar tinha que ir para Goiânia. Em 93, a opção era pouca para uma carreira. Aí eu fui para lá”

Homem 1: Quando você vai numa jornada dessas, numa aventura dessas, você tem o sonho de ‘Ah, não, vou pra tentar uma vida melhor para gente’, porque tá difícil as coisas, não tem emprego. Emprego sazonal, que é praticamente a minha área. Área de máquinas era sazonal, não era direto”

Homem 2: “Todo ser humano tem vontade de subir na vida. Às vezes, nossa ambição, nossa avareza, fala mais alto que a gente. E, às vezes, nem sempre Deus proporciona assim. Eu tive vontade de ter dinheiro na vida. Eu tive vontade de ter o meu próprio dinheiro, você entende?”

TEC: ENTRA MÚSICA INCIDENTAL, DESCE BG

LOC: REGINA DA COSTA, HOJE COM 45 ANOS, DEU INÍCIO AO FLUXO MIGRATÓRIO. EM 1993, A DONA DE CASA CONTRATOU UM COIOTE POR 800 DÓLARES E DEIXOU SÃO JOÃO DA PARAÍUNA RUMO A SÃO FRANCISCO, NUMA JORNADA QUE DUROU TRÊS DIAS.

SONORA REGINA 1: “Fui de São Paulo pra Cidade do México. Chegando à Cidade do México, fui de trem até Mexicali, depois eu não me recordo bem se Mexicali é perto de Tijuana. Aí em Tijuana, eu caminhei mais ou menos uma hora e meia e cheguei até San Diego. Aí de San Diego eu fui para San Francisco de Carro, né? Que dá mais ou menos cinco horas, seis horas, de carro”

LOC: SEM SABER FALAR INGLÊS, REGINA SÓ CONSEGUIU EMPREGO EM CASAS DE BRASILEIROS LOGO QUE CHEGOU AOS ESTADOS UNIDOS.

SONORA REGINA 2: “O primeiro trabalho meu lá foi olhar uma menina. O nome dela era Jéssica e a mãe dela já tava lá há muito tempo, quase 20 anos, a mãe dela, que era uma brasileira casada com um americano. E eu cuidei da filha dela uns dois anos e, nesse período, eu também jogava jornal, um jornal lá de madrugada. Eu não lembro bem o nome do jornal”

LOC: PORÉM, A VIDA FINANCEIRA COMEÇOU A MELHORAR ASSIM QUE REGINA APRENDEU O NOVO IDIOMA.

SONORA REGINA 3: “Comecei a fazer faxina. Uns dois anos depois, eu aprendi o básico, né, de inglês pra poder ter os clientes, né, para receber ligação, fazer ligação. Nos outros anos que eu fiquei lá, eu só mesmo limpava casa. Depois, eu abri uma empresa, chamava Best House Cleaning. As pessoas que chegavam, geralmente, daqui da minha cidade, eu passava o serviço, né? Ganhava aí uma porcentagem em cima do trabalho. Eu comprei uns apartamentos em Londrina, que é a cidade do meu ex-marido, né. Foi bom, teve uma época lá que eu chegava a ganhar US\$ 8 mil por semana, tinha cinco seis meninas trabalhando, eu ganhava isso livre”

LOC: ALGUNS PROBLEMAS FAMILIARES, NO ENTANTO, FIZERAM A DONA DE CASA ACORDAR DO SONHO AMERICANO.

SONORA REGINA 4: “Olha quando eu voltei, é que meu pai tava muito doente, acamado. E eu tinha separado do meu, do pai do Gabriel, aí eu decidi vir pro Brasil. Assim que eu cheguei, meu pai faleceu três meses depois. Aí minha mãe ficou viúva e eu tô com ela até hoje, vai ficando né”

LOC: REGINA VIVE HOJE DA RENDA DOS APARTAMENTOS QUE COMPROU COM O DINHEIRO QUE GANHOU NOS ESTADOS UNIDOS. ELA GARANTE QUE A EXPERIÊNCIA VALEU A PENA E AFIRMA QUERER VOLTAR, MAS SÓ DE VISITA.

SONORA REGINA 5: “Tenho um filho norte-americano, nascido lá, ele nasceu em 2002. Ele tem 13 anos e é cidadão americano e não tá falando inglês, nada. Só fala português.

Eu tô pensando assim pra ele estudar, lá, né? Ver se eu consigo voltar né, mas eu não, é só uma alternativa. Vamos ver, né?”

TEC: ENTRA MÚSICA “SOY LOCO POR TI AMÉRICA”, DESCE BG

LOC: OUTRO QUE SAIU DE SÃO JOÃO DA PARAÚNA EM BUSCA DE VIDA MELHOR FOI O EMPRESÁRIO RODRIGO DIAS, DE 42 ANOS. A FALTA DE EMPREGOS FOI DETERMINANTE PARA QUE ELE DEIXASSE A CIDADE NATAL.

SONORA RODRIGO 1: “Devido à escassez de emprego na região, todo mundo ia na minha cidade. ‘Ah fulano foi, tá ganhando bem’. Aí sempre aguça a gente a querer ir e tentar alguma coisa melhor pra gente, né? Não tinha condições de pagar a passagem, a gente pegou dinheiro emprestado e foi onde surgiu a oportunidade e aí a sorte de eu ter entrado. Saí aqui da minha casa no final de setembro de 2006, cheguei lá dia 5 de outubro de 2006. Somente pela questão financeira, porque a gente aventurar, conhecer outros países, conhecer outra cultura e tudo mais, quem tem condição financeira elevada é bom. Pobre, é só por tentar uma vida melhor pra gente, não por graça ou por devaneio”

TEC: ENTRA MÚSICA INCIDENTAL, DESCE BG

LOC: A VIAGEM DE RODRIGO ACONTECEU EM 2006, TREZE ANOS APÓS A DE REGINA. NESSE PERÍODO, A ALTA DEMANDA DE PESSOAS QUERENDO ENTRAR ILEGALMENTE NOS ESTADOS UNIDOS FEZ COM QUE O PREÇO DOS COIOTES DISPARASSE. RODRIGO TEVE QUE DESEMBOLSAR NADA MENOS DO QUE DEZ MIL DÓLARES. QUASE 13 VEZES MAIS DO QUE A DONA DE CASA PAGOU. AS POLÍTICAS NORTE-AMERICANAS PARA FREAR A IMIGRAÇÃO ILEGAL TAMBÉM SE TORNARAM MAIS RÍGIDAS. PROVA DISSO É QUE O TRAJETO DO EMPRESÁRIO ATÉ SÃO FRANCISCO DUROU 14 DIAS.

SONORA RODRIGO 2: “Eu dei tanta sorte, parece que Deus pôs a mão em mim e disse: ‘Oh meu filho, vamos lá’. Muitos colegas que estavam comigo na hora foram pegos pela imigração americana. Na travessia, dois voltaram, ficou mais algum tempo e

o coiole colocou lá de novo, mas pra mim foi tranquilo demais. Nós tentamos uma vez, não deu certo na fronteira lá, ficamos até cinco horas da manhã. Um frio de menos não sei quantos graus, fomos novamente de madrugada, molhamos para atravessar o rio, atravessamos tranquilo. Já tinha um carro esperando a gente do outro lado. Já pegou e já levou para um hotelzinho. Em momento algum, na minha viagem, eu falei assim: 'Náo, tá difícil, vou voltar'. Não, não teve isso comigo. Graças a Deus, não teve tanto perrengue”

LOC: RODRIGO PASSOU CINCO ANOS TRABALHANDO NA CONSTRUÇÃO CIVIL E COMO ENTREGADOR DE PIZZAS E JORNAIS. SEGUNDO ELE, TODO O DINHEIRO ACUMULADO NOS TRÊS PRIMEIROS ANOS SERVIU APENAS PARA QUITAR AS DÍVIDAS CONTRAÍDAS PARA PAGAR A VIAGEM. OS JUROS ELEVARAM ESSE VALOR A 93 MIL REAIS. COM OS DÓLARES CONQUISTADOS NOS OUTROS DOIS ANOS, O EMPRESÁRIO COMPROU UM CARRO E A CASA EM QUE VIVE HOJE. POR ISSO ELE AFIRMA QUE A EXPERIÊNCIA VALEU A PENA, APESAR DO SOFRIMENTO DE TER QUE DEIXAR A FAMÍLIA.

SONORA RODRIGO 3: “Pra te falar a verdade, em cinco anos que eu estive lá, eu nunca tive uma noite de sono tranquila. Deitar, chegar cansado do trabalho, deitar e acordar no outro dia e falar assim: ‘Essa noite eu dormi bem’. Não. Mas foi até assim falar assim: ‘foi uma má ideia’. Não foi. Foi até uma boa ideia”

TEC: ENTRA MÚSICA “WE ARE FAMILY”, DESCE BG

LOC: POR FALAR EM FAMÍLIA, O IRMÃO MAIS NOVO DE RODRIGO, RONY DIAS, TAMBÉM DECIDIU BUSCAR EMPREGO NA TERRA DO TIO SAM. MAS NÃO OBTEVE O MESMO SUCESSO. ALÉM DE NÃO TER ACUMULADO MUITOS DÓLARES, O RAPAZ DE 34 ANOS CONTA QUE PASSOU OS PIORES DIAS DE SUA VIDA TENTANDO ENTRAR NOS ESTADOS UNIDOS SEM UM VISTO. A TRAVESSIA DUROU 60 DIAS. DO BRASIL, ELE FOI ATÉ O PANAMÁ E SEGUIU PARA A GUATEMALA, ONDE COMEÇARAM OS PROBLEMAS.

SONORA RONY 1: “Foi uma das piores viagens que eu tive da Guatemala ao México. Uma transição mais difícil, a imigração é muito rígida. A corrupção é muito ativa. Tem muita corrupção lá. Eu sofri demais. Nesse trajeto eu gastei uns 15 dias de viagem, onde eu ia lá, entrava no México e voltava pra Guatemala, você entende? Eu ia lá e voltava, ia lá e voltava”

LOC: DENTRO DO MÉXICO, A SITUAÇÃO SÓ PIOROU.

SONORA RONY 2: “De Puebla até chegar Reynosa, sofremos o pão que o diabo amassou. Nós chegamos numa casa e o rapaz falou: ‘Oh, vocês vão ter que viajar 24 pessoas, onde vocês vão ter que ficar deitado até passar uma barreira da polícia do México. Nós falamos para ele: ‘Nós preferimos morrer a entrar nesse ônibus’. Nessa viagem, 14 dessas pessoas faleceram. Se eu entro nesse ônibus, eu tinha falecido também. Nós arrumamos um jeito de chegar até lá. Quando eu cheguei em Reynosa, nós gastamos 17 horas. Em Reynosa, nós chegamos na casa de um senhor chamado Moura. Ele conversou comigo e falou assim: ‘Oh, vocês vão entrar nos Estados Unidos, mas vai ter que ser do meu jeito’. Nós ficamos 15 dias na mão dele. E dava de cinco em seis dias ele falava assim: ‘Oh, hoje é dia de atravessar’. Nós arrumávamos tudo e quando chegava lá, ele falava assim: ‘mudou. Hoje é dia de atravessar maconha’. No último dia, que nós fomos atravessar mesmo, ele colocou lá no barco, com um colete salva-vidas, nós atravessamos lá. A cidade entre Reynosa e McAllen, McAllen é a cidade nos Estados Unidos já. Eu, assim, não sei dizer medidas não, mas não deu uns 80 metros de travessia de rio não”.

LOC: QUANDO FINALMENTE CHEGOU AOS ESTADOS UNIDOS, RONY ACREDITOU QUE OS DIAS DE CÃO TINHAM CHEGADO AO FIM, OU, COMO DIZ UM DITADO AMERICANO, THE DOG DAYS ARE OVER. LEDO ENGANO.

SONORA RONY 3: “Estados Unidos é tipo um funil, tudo morre num lugar só. Você tem que passar por checkpoint. Lá onde você entra, e tem que dar satisfação do porquê você está lá dentro, o que você tá fazendo lá. O coitado que estava carregando nós disse: ‘Vocês vão andar oito horas em volta do checkpoint’. É o deserto do Texas. nós

andamos 9, 10 horas caminhando a pé num sol escaldante. Daí pra frente, nossa vida foi outra, mas nós ralamos o pão que o diabo amassou”

LOC: MESMO COM TODOS OS PROBLEMAS, RONY AVALIA A EXPERIÊNCIA COMO POSITIVA. MAS GARANTE NÃO TER VONTADE DE VOLTAR.

SONORA RONY 4: “Estados Unidos é outra vida, outro sistema. Lá nós comemos bem, alimentamos bem. Hoje, eu sou um ser humano diferente. Cada dia que passa nessa vida, é uma experiência de vida que você tem. Tem que viver o hoje, amanhã é outra coisa. Pra mim, valeu a pena. Aprendi muito. Mudei meu jeito de ser. Não voltaria hoje pra lá. Eu vejo o dólar lá em riba, não tenho essa sede, porque eu conheço os Estados Unidos”

TEC: ENTRA MÚSICA “LIVING IN AMERICA”, DESCE BG

LOC: A FALTA DE EMPREGOS EM SÃO JOÃO DA PARAÚNA TORNOU-SE UM PROBLEMA TÃO GRANDE QUE ATÉ MESMO QUEM NÃO TEM CONDIÇÕES DE IR AOS ESTADOS UNIDOS PRECISA IR ÀS CIDADES VIZINHAS BUSCAR TRABALHO. É O CASO DE JOÃO RODRIGUES, DE 45 ANOS.

SONORA JOÃO 1: “Na verdade, falta geração de empregos, né? A maioria das pessoas aqui sai do município pra procurar emprego. Por exemplo, na minha área, sou formado em Administração, como o comércio aqui é pequeno, então a maioria das pessoas que tem um comércio, eles mesmos é que administram. Por opção, eu tive que procurar um emprego fora do município. Eu fui para Rio Verde, pra Goiânia, e tô aqui de volta. As pessoas, querendo melhorar a situação, elas às vezes procuram os Estados Unidos. Então, eu não posso dizer assim se é bom ou se é ruim, porque eu não fui, né. Mas, se eu tivesse que escolher uma hora dessas, eu opinaria”

LOC: ASSIM COMO ACONTECE NA CIDADE MINEIRA DE GOVERNADOR VALADARES, O DINHEIRO DE QUEM VAI PARA PAÍS NORTE-AMERICANO É O MOTOR DA ECONOMIA DE SÃO JOÃO DA PARAÚNA. O FAZENDEIRO ATAÍDE

GODOY, POR EXEMPLO, MORA EM UMA CASA CONSTRUÍDA COM TIJOLO E DÓLARES.

SONORA ATAÍDE 1: “Eu não posso reclamar do país deles. É um país que deu oportunidade pro brasileiro. Isso é muito bom. Estados Unidos ajudou muita gente. Não é só aqui não, as cidades vizinhas todas têm dinheiro dos Estados Unidos. Então, foi muito bom”

LOC: O SENHOR DE 67 ANOS ACREDITA, PORÉM, QUE OS MORADORES DEIXAM A CIDADE NATAL APENAS POR FALTA DE OPORTUNIDADES.

SONORA ATAÍDE 2: “Eu acho que tudo tem um sentido, ir pros Estados Unidos. São as oportunidades que lá dá e aqui não tá dando, porque eu acho que ninguém queria sair daqui para ir para os Estados Unidos.”

TEC: ENTRA MÚSICA “BACK IN BAHIA”, DESCE BG

LOC: DE FATO, A MAIOR PARTE DAS PESSOAS QUE VAI PARA OS ESTADOS UNIDOS ACABA VOLTANDO PARA SÃO JOÃO DA PARAÍUNA. PARA ELAS, NEM MESMO A RIQUEZA E O LUXO DO AMERICAN WAY OF LIFE SÃO CAPAZES DE SUBSTITUIR A VIDA PACATA DO INTERIOR DE GOIÁS. AFINAL, NÃO HÁ DINHEIRO, MESMO QUE EM DÓLARES, CAPAZ DE COMPRAR UM LAR.

TEC: SOBE E DESCE BG

TEC: ENTRA POVO FALA DEPOIMENTOS JOCOSOS

Regina: “Eu fui na Disney, tive no Hawaii, tive em Los Angeles, San Diego, né? Eu só não fui em Nova York, que pena! Mas eu quero ir ainda um dia. Não conheci Nova York não”

Rodrigo: “O inglês dele era tão insuportável que eu não tava entendendo nada do inglês dele. Eu falei: ‘Sir, could you speak in Spanish with me?’. Ele falou assim: ‘Buddy, you got a wrong land. This land is a english land, not a Spanish land’ (Você tá na terra enganada. Essa aqui é a terra do inglês, não é do espanhol não)”

Rony: “Cara, que vida! Nós que somos tão simples assim, do interior do estado de Goiás, chegamos lá, cara, tinha McDonald’s. Eu nunca tinha tomado refrigerante a vontade. Se hoje você compra um dois litros, você fica regulando ele. Lá não. Eu nunca tinha tomado. O cara chega assim: ‘vamos comer um McDonald’s?’”

TEC: SOBE BG E CORTA

TEC: VINHETA ENCERRAMENTO

Anexo 4 – Roteiro da reportagem de Moiporá

TEC.: AMBIENTE DE CIDADE

LOC.: TODA PEQUENA CIDADE UM DIA FOI DISTRITO DE OUTRA. EM GERAL, A HISTÓRIA COMEÇA COM UM GRUPO DE PESSOAS QUE CONSTRÓI UM VILAREJO POUCOS QUILOMETROS DISTANTE DO CENTRO DE UMA CIDADE JÁ EXISTENTE. ESSA VILA COMEÇA A RECEBER CONDIÇÕES MÍNIMAS DE INFRA-ESTRUTURA, COMO ENERGIA ELÉTRICA, ESCOLA E POSTO DE SAÚDE. E, ASSIM, ATRAI MAIS MORADORES.

TEC.: ENTRA BG CONGRESSO NACIONAL

LOC.: UM PROJETO DE LEI EM ANÁLISE NO CONGRESSO NACIONAL PREVÊ QUE, PARA A CRIAÇÃO DE NOVAS CIDADES NA REGIÃO CENTRO-OESTE, É NECESSÁRIO QUE ELAS TENHAM PELO MENOS SEIS MIL HABITANTES. MAS ESSA PROPOSTA SEQUER EXISTIA QUANDO OS SEIS MENORES MUNICÍPIOS DE GOIÁS FORAM CRIADOS.

TEC.: MÚSICA “HOTEL CALIFORNIA”

LOC.: A CIDADE DE MOIPORÁ, NO CENTRO-OESTE GOIANO, SE EMANCIPOU DE AURILINDIA EM 1958. NAQUELA ÉPOCA, ERA NECESSÁRIO POUCO MAIS DE MIL HABITANTES PARA SE TORNAR MUNICÍPIO. DE LÁ PARA CÁ, A CIDADE, QUE FICA A 382 QUILOMETROS DE BRASÍLIA, NÃO CRESCEU MUITO, MAS, NO GOIÁS, É A ÚNICA COM MENOS DE DOIS MIL MORADORES QUE POSSUI UM DISTRITO.

TEC.: ENTRA VINHETA DA SÉRIE MIXA

LOC.: AO TODO, MOIPORÁ TEM 1.763 HABITANTES, MAS CERCA DE 500 DELES MORAM A 11 QUILOMETROS DE LÁ, NO DISTRITO DE MESSIANÓPOLIS. APESAR DA PROXIMIDADE, A RELAÇÃO ENTRE AS DUAS COMUNIDADES NÃO É MUITO BOA. PARA O VEREADOR DE MOIPORÁ EDIMAR FERREIRA, O MOTIVO É CIÚME.

SONORA EDIMAR 1: “Ciúme é aqui dessa cidade nossa é um problema, mas é por sempre morar o prefeito, sempre morar a maioria de vereadores. Sempre tudo fala mais Moiporá, nunca fala fora Messianópolis. Então, é eles gostariam que falasse sempre Moiporá/Messianópolis. Isso aí é tipo casal, um dia tá bom, outro não”

TEC.: ENTRA BG “CIÚME” ULTRAJE A RIGOR

JÁ PARA A MERENDEIRA DA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DE MESSIANÓPOLIS, TEREZINHA CARVALHO, O PROBLEMA ESTÁ NO RELACIONAMENTO ENTRE OS JOVENS DAS DUAS COMUNIDADES.

SONORA TEREZINHA 1: “A parte mais jovem, adolescente e certos políticos, eles têm uma pequena rivalidade sim. Isso aí se eu falasse que não tem, eu estou mentindo. Sempre nossos alunos de 9º ano, quando vão para lá, falam. Tem aluno que hoje tem a tal de bullying, sofre bullying, sofre discriminação. Uns falam assim: ‘É você é lá do Croa. Aqui tinha um apelido de Croa, também eles têm esse apelido. De certo é uma cidade que não quer crescer, ‘encroou’”.

TEC.: MÚSICA “É UMA PARTIDA DE FUTEBOL” SKANK

LOC.: A RIVALIDADE ENTRE MOIPORÁ E MESSIANÓPOLIS FICA MAIS EVIDENTE NO CAMPEONATO DE FUTEBOL DA REGIÃO. O CERTO SERIA QUE CIDADE DE MOIPORÁ TIVESSE APENAS UM REPRESENTANTE NO TORNEIO, MAS CADA COMUNIDADE TEM O PRÓPRIO TIME. E QUANDO AS DUAS EQUIPES SE ENFRENTAM...

TEC.: ENTRA POVO FALA DE FUTEBOL

Mulher: “Tem gente aqui que chora, briga, bate no prefeito”

Idoso: “Dia de futebol, cada cidade torce para sua cidade e não deixa de ter umas rusgas”

Homem: “Moiporá com Messianópolis é um pouco tensa, com o problema de relação à futebol”

Jovem: “Vixe, dá confusão. Moiporá com Messianópolis dá confusão, dá briga e feia”

LOC.: MAS SE HÁ DIFERENÇAS SOCIAIS E FUTEBOLÍSTICAS ENTRE MOIPORÁ E MESSIANÓPOLIS, EXISTE UMA CARACTERÍSTICA QUE UNE CIDADE-MÃE E DISTRITO: A INFRAESTRUTURA PRECÁRIA. O MUNICÍPIO NÃO POSSUI HOSPITAL, APENAS UM POSTO DE SAÚDE QUE FICA EM MOIPORÁ. A CIDADE NÃO TEM RESTAURANTES E CONTA APENAS COM PEQUENOS MERCADOS, COM POUCA VARIEDADE DE PRODUTOS. A ÚNICA LOJA DE ELETRODOMÉSTICOS DE MOIPORÁ FECHOU NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2015, O QUE PROVOCOU UM FENÔMENO CURIOSO...

TEC.: MÚSICA INCIDENTAL

LOC.: UMA VEZ POR MÊS UMA LOJA DE ELETRODOMÉSTICOS, DE UMA CIDADE A 70 QUILÔMETROS DE MOIPORÁ, ENCHE UM CAMINHÃO DE PRODUTOS PARA COMERCIALIZÁ-LOS À BEIRA DA RODOVIA QUE LIGA MESSIANÓPOLIS À CIDADE-MÃE. DE ACORDO COM O VENDEDOR THIAGO LIMA, A ATIVIDADE É BASTANTE LUCRATIVA.

SONORA THIAGO 1: “A gente faz um esquema de feirão, né? Traz as mercadorias, móveis, eletrodomésticos, eletroeletrônicos; monta a exposição, o pessoal vem a gente faz um crediário, faz um cadastro normalmente. Manda o cadastro para a loja, aprovando a gente vem e entrega a mercadoria. Tem bastante cliente aqui. A cidade é pequena, porém, tem muito cliente. Nessa época de calor, sai bastante ar-condicionado, ventilador, climatizador. Isso aí sai muito agora”

LOC.: A FEIRA FICA MONTADA UM DIA NAS PROXIMIDADES DE MESSIANÓPOLIS E, NO OUTRO, VAI PARA PERTO DOS MORADORES DE MOIPORÁ, MAS SEMPRE ÀS MARGENS DA ESTRADA.

SONORA THIAGO 2: “Assim, até hoje não ocorreu nenhum perigo, não, não passou nenhum apuro assim”

Repórter: “Nem de um carro chegar e atropelar os produtos?”

Thiago: “Não, ainda não, graças a Deus. Se Deus quiser, não vai acontecer não”

LOC.: MAS DE ONDE VEM O DINHEIRO PARA COMPRAR OS ELETRODOMÉSTICOS? A MAIORIA DOS MORADORES ECONOMICAMENTE ATIVOS É COMPOSTA POR APOSENTADOS DA ZONA RURAL, EX-LAVRADORES, PRODUTORES DE LEITE E CUIDADORES DE ANIMAIS. A OUTRA PARTE É FORMADA POR FUNCIONÁRIOS DA PREFEITURA E BENEFICIÁRIOS DE PROGRAMAS SOCIAIS. ASSIM COMO AS DEMAIS CIDADES COM MENOS DE DOIS MIL HABITANTES, MOIPORÁ PADECE COM A ESCASSEZ DE EMPREGOS, COMO EXPLICA O JOVEM AGRÔNOMO NEEMIAS SANTOS.

SONORA NEEMIAS 1: “Pra nossa turma, da geração de 90 para cá, eu não recomendo muito por questão de trabalho, né? Quem busca crescer com um salário melhor, aqui não é muito recomendado não”.

LOC.: COM RELAÇÃO A TRABALHO, MESSIANÓPOLIS PARECE ESTAR NA FRENTE DE MOIPORÁ. NO DISTRITO, FUNCIONA UMA CONFECÇÃO DE ROUPAS QUE EMPREGA DIRETAMENTE 37 FUNCIONÁRIOS, TODOS MORADORES DA COMUNIDADE. NENHUM NEGÓCIO PARTICULAR EM MOIPORÁ TEM TANTOS EMPREGADOS ASSIM. APARECIDA REIS, SÓCIA DA CONFECÇÃO, LEMBRA A EVOLUÇÃO DA EMPRESA.

SONORA APARECIDA 1: “A Hering tava abrindo parcerias em várias cidades do interior. A gente começou em 2010 com oito pessoas, ganhando 15 reais por mês. Eles tiveram muita paciência. Todo desenvolvimento só passou a ter em Messianópolis depois que a gente abriu a firma, a empresa. Todo mundo prosperando. O que faz eles levantarem é o emprego. Com certeza, em Messianópolis, o dinheiro circula mais”

LOC.: A FÁBRICA PRODUZ ALGO EM TORNO DE 500 PEÇAS DE VESTUÁRIO POR DIA, MAS APARECIDA TEM EXPECTATIVA DE EXPANDIR AINDA MAIS OS NEGÓCIOS.

SONORA APARECIDA 2: “Hoje, a gente tem a Hering exclusiva, mas a gente não precisa depender só da Hering, a gente pode buscar mais parcerias. Não depender só

de um, porque se a Hering falir, tô rodada. Como é que faz com 37 funcionários? Não posso”

LOC.: A MOVIMENTAÇÃO FINANCEIRA PROPORCIONADA PELA FÁBRICA DE ROUPAS QUE, SOZINHA INJETA 50 MIL REAIS POR MÊS NA ECONOMIA DO DISTRITO, FAZ OS MORADORES DE MESSIANÓPOLIS SONHAREM COM A EMANCIPAÇÃO.

SONORA TEREZINHA 2: “Dez, doze anos atrás já teve um manifesto, um plebiscito pra tornar o município em vez de distrito. O pessoal daqui votou, a população em peso. Eu já assinei, porque é meu sonho que aqui se tornasse município. Poderia melhorar na área da educação, na área da saúde, porque quando é distrito, a gente não tem tanta força para buscar as coisas”

TEC.: BG MÚSICA DE DADOS

LOC.: O NÚMERO DE HABITANTES DE MOIPORÁ ESTÁ DIMINUINDO DE ACORDO COM O INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. SE EM 2010, EXISTIAM 1.763 HABITANTES, O ORGAO PROJETA UMA QUEDA PARA 1.704 MORADORES EM 2015. AINDA ASSIM O PIONEIRO DE MOIPORÁ, EDVALDO SANTOS, VÊ A IDEIA DE INDEPENDÊNCIA DE MESSIANÓPOLIS COM BONS OLHOS.

SONORA EDVALDO 1: “Seria ótimo a respeito do fundo de participação e à geração de empregos”

TEC.: MÚSICA “A CIDADE”, CHICO SCIENCE, DESCE BG

LOC.: PODE SER QUE EM BREVE NOVAS CIDADEZINHAS QUAISQUER PASSEM A EXISTIR NO INTERIOR DE GOIÁS...

TEC: SOBE BG E CORTA

TEC: VINHETA DE ENCERRAMENTO

Anexo 5 – Roteiro da reportagem de Cachoeira de Goiás

TEC: BARULHO DE SINTONIZAÇÃO DE RÁDIO

LOC 2: POIS TODO O QUE SE EXALTA SERÁ HUMILHADO, E O QUE SE HUMILHA SERÁ EXALTADO.

LOC: CALMA, CALMA. VOCÊ NÃO SINTONIZOU NA FREQUÊNCIA ERRADA E ESTA NÃO É UMA RÁDIO RELIGIOSA. A PASSAGEM BÍBLICA QUE VOCÊ ACABOU DE OUVIR É UTILIZADA PARA PREGAR A HUMILDADE. E PARECE QUE O PRÓPRIO DEUS SEGUE ESSE ENSINAMENTO. JÁ REPAROU QUE OS PRINCIPAIS DESTINOS CATÓLICOS DO MUNDO SÃO CIDADES MINÚSCULAS? É O CASO, POR EXEMPLO, DE FÁTIMA, EM PORTUGAL QUE TEM, HOJE, ONZE MIL HABITANTES E LOURDES NA FRANÇA, ATUALMENTE COM QUINZE MIL.

TEC: ENTRA MÚSICA PARA CRIAR O CLIMA RELIGIOSO

MAS FOI NO INTERIOR DE GOIÁS QUE A HUMILDADE DE DEUS TERIA ATINGIDO O ÁPICE. CACHOEIRA DE GOIÁS, MUNICÍPIO DO CENTRO-OESTE GOIANO, A 393 KM DE BRASÍLIA, TEM APENAS 1.417 HABITANTES. A CIDADE ABRIGA UM RIO QUE, SEGUNDO OS MORADORES, TEM UMA ÁGUA MILAGROSA, CAPAZ DE CURAR QUALQUER DOENÇA.

TEC: ENTRA VINHETA DA SÉRIE

LOC: A LENDA DA ÁGUA SANTA SURTIU NA DÉCADA DE 60. DOENTE E DESACREDITADA PELA MEDICINA, UMA SENHORA CHAMADA ZILÁ FERREIRA PEDIU AOS CÉUS QUE LHE CURASSEM. FOI ENTÃO QUE SONHOU COM NOSSA SENHORA APARECIDA. A SANTA LHE INDICOU A LOCALIZAÇÃO DA ATUAL REGIÃO DE CACHOEIRA DE GOIÁS, DIZENDO QUE NO LOCAL ELA ENCONTRARIA A CURA. UM DOS PIONEIROS DA CIDADE JERSY VIEIRA, DE 87 ANOS, LEMBRA COMO FOI A CHEGADA DE ZILÁ AO MUNICÍPIO.

SONORA JERSY 1: “Ela veio mais o esposo, num caminhão, aí chegaram aqui em cachoeira. Pelo sonho, ela calculou que a direção era essa, que ela acabou descobrindo, o lugar, o ponto exato, ideal, que ela sonhou, que era a água, que ia curar a doença dela. E ela teve lá morando, mais ou menos por uns seis meses, saiu de lá, diz ela que perfeita, com a saúde recuperada”

LOC: APESAR DE NUNCA TER SE CURADO DE NENHUMA DOENÇA, JERSY ACREDITA NOS SUPOSTOS PODERES DA ÁGUA SANTA.

SONORA JERSY 2: “Eu mesmo fui lá muitas vezes, tomei a água muitas vezes. Acho que até foi bom. Hoje eu estou com 87 anos, eu acho que a Água Santa também ajudou nessa parte”

LOC: OPINIÃO SEMELHANTE A DA PROFESSORA APOSENTADA ELENICE GUIMARÃES, DE 70 ANOS.

SONORA ELENICE 1: “Sempre que eu ia lá eu trazia um litro de água. Aí você vai bebendo aquela água. Eu nunca senti nada assim que eu fosse usar a água para curar. Mas, às vezes, curava até sem a gente sentir”

LOC: ELENICE, QUE ERA AMIGA DE ZILÁ FERREIRA, EXPLICA QUE ALGUNS FIÉIS CHEGAM A PASSAR MESES ACAMPADOS NA REGIÃO PARA SE BANHAREM TODOS OS DIAS NO RIO. O MAIS IMPORTANTE, DE ACORDO COM A APOSENTADA, É TER FÉ NA ÁGUA.

SONORA ELENICE 2: “Tinha barraca igual fosse uma festa. Contava mais de mil pessoas lá na Água Santa, fazendo oração, usar da água, usar do barro. Tudo isso é bom para saúde, mas quem tem fé, agora quem não tem fé não adianta, né?”

TEC: ENTRA PASSAGEM NA CAPELA

LOC: MÁRIO SOARES, DE 75 ANOS, AJUDOU NA CONSTRUÇÃO DA CAPELA PRÓXIMA AO RIO. ENQUANTO TRABALHAVA NA OBRA, ELE APROVEITAVA PARA

SE BANHAR NA ÁGUA SANTA, NA TENTATIVA DE SE CURAR DE UM PROBLEMA NA PELE.

SONORA MÁRIO 1: “É no corpo assim, parece que ficava meio assado assim. Ficava avermelhado assim, aí eu fui lá pra puxar lá o material, e resolvi todo dia tomar banho lá. Quando eu terminei de puxar o material, eu já estava sem problema nenhum”

TEC: ENTRA MÚSICA INCIDENTAL

LOC: CACHOEIRA DE GOIÁS É, SEM DÚVIDA, MUITO LIGADA A RELIGIÃO. TODAS ELAS. ALÉM DA ÁGUA SANTA O MUNICÍPIO É TERRA NATAL DO MÉDIUM JOÃO DE DEUS, CONHECIDO MUNDIALMENTE POR REALIZAR O QUE ELE CHAMA DE CIRURGIAS ESPIRITUAIS.

TEC: SOBE E DESCE BG

QUEM CHEGA AO LOCAL VAI REPARAR DOIS FATOS CURIOSOS. O PRIMEIRO SÃO AS FRASES BÍBLICAS ESPALHADAS PELOS MUROS DA CIDADE. O SEGUNDO É O ELEVADO NÚMERO DE IGREJAS EVANGÉLICAS. SÃO CINCO AO TODO. DUAS DELAS SÃO ASSEMBLEIAS DE DEUS. PARA O PASTOR ROGÉRIO FERNANDES SÓ EXISTE UMA OFERTA TÃO GRANDE DE IGREJAS PORQUE A DEMANDA TAMBÉM É ALTA.

SONORA ROGÉRIO 1: “A primeira impressão quando a gente chega na cidade, foi a minha, quando cheguei aqui a quatro anos atrás, foi essa: de que seria um número muito grande. Só que, estando na cidade, percebendo a necessidade do povo, essa impressão minha já diminuiu bastante. Se hoje não tivesse mais pessoas precisando de Jesus, precisando mais de uma benção divina, tá bom, o número seria já demais. Mas como tem pessoas ainda que necessita, então justifica.”

LOC: ROGÉRIO GARANTE QUE, APESAR DAS DIFERENÇAS IDEOLÓGICAS, TODAS AS RELIGIÕES CONVIVEM BEM NO MUNICÍPIO. A TOLERÂNCIA, ALIÁS, É ENSINADA DESDE CEDO PARA OS JOVENS MORADORES DE CACHOEIRA. É O

QUE AFIRMA NATAL DE JESUS, PROFESSOR DE ENSINO RELIGIOSO NO ÚNICO COLÉGIO DA CIDADE.

SONORA NATAL 1: “Na maneira que você constrói, na maneira que você aprende a respeitar essa alteridade, essa busca do outro, o que acontece? A gente se dá bem.”

LOC: O PRÓPRIO PROFESSOR TEM UMA HISTÓRIA PERMEADA DE CRENÇAS.

SONORA NATAL 2: “É porque na verdade eu sou, eu venho de uma família muito religiosa, minha mãe começou a passar mal para ter bebê no dia 20 de dezembro, e ela já estava num estado lastimável. Um estágio que, praticamente, ou era Deus ou a medicina. E como nós morávamos numa região, onde não tinha medicina, foi a providência divina. A minha madrinha, ela fez um voto. Se corresse tudo bem, se a criança nascesse aquele dia, era para chamar Natal do Nascimento de Jesus e aqui estou eu”

LOC: NATAL ACREDITA NOS PODERES DA ÁGUA SANTA E GARANTE PARTICIPAR TODOS OS ANOS DA PRINCIPAL ROMARIA À REGIÃO, NO DIA 12 DE OUTUBRO. ISSO PORQUE SEU PAI TERIA SE CURADO DE UMA CATARATA APENAS SE BANHANDO NO RIO. PARA O PROFESSOR, NO ENTANTO, O LOCAL MILAGROSO HOJE PADECE COM O ABANDONO.

SONORA NATAL 3: “Hoje tá bem abandonado. Deveria haver um investimento por parte da Secretaria de Turismo, da prefeitura municipal. Mas por ser uma propriedade particular, o prefeito não vai investir onde, né? Ele pode investir na infraestrutura de estradas para chegar ao local, né? Isso que ele pode fazer”

LOC: NA VISÃO DELE, ISSO INCLUSIVE IMPEDE QUE CACHOEIRA DE GOIÁS POSSA ENTRAR NO ROTEIRO DAS GRANDES CIDADES CATÓLICAS, COMO APARECIDA E ATÉ A VIZINHA, TRINDADE.

SONORA NATAL 4: “Nós moramos numa cidade muito pequena que não tem uma estrutura com hotéis, para hospedar no caso essas pessoas para que, no dia, possam ir,

voltar ou dormir, voltar para seus municípios, suas cidades. Eu acredito que vai permanecer o que nós temos hoje”

TEC: ENTRA MÚSICA INCIDENTAL

LOC: NOSSA EQUIPE COMPROVOU, DE UMA MANEIRA NÃO MUITO BOA, O ABANDONO DA REGIÃO. FICAMOS ATOLADOS NA ESTRADA DE TERRA DE DOZE QUILOMETROS QUE LIGA O CENTRO DE CACHOEIRA DE GOIÁS À ÁGUA SANTA.

TEC: PASSAGEM DA ATOLADA. MIXAR COM MÚSICA INCIDENTAL

LOC: CONSEGUIMOS RESOLVER O PROBLEMA COM A AJUDA DE GILVAN E MIGUEL, DOIS HOMENS SIMPLES QUE TRABALHAM EM CHÁCARAS NA REGIÃO. A ÁGUA SERIA INCAPAZ DE NOS TIRAR DO ATOLEIRO. MAS A GENEROSIDADE E A HUMILDADE DAS PESSOAS, ESSAS SIM, OPERAM VERDADEIROS MILAGRES.

TEC: ENTRA MÚSICA “E VAMOS À LUTA” (TRECHO: EU PONHO FÉ É NA FÉ DA MOÇADA, QUE NÃO FOGUE DA FERA E ENFRENTA O LEÃO) E CORTA

TEC: ENTRA VINHETA DE ENCERRAMENTO

Anexo 6 – Roteiro da reportagem de Anhanguera

TEC: SOBE E DESCE BG DE TRILHA DE MISTÉRIO MIXADO COM CAMINHADA EM MATA, BARULHO DE FLORESTA...

LOC.: REZA A LENDA QUE, NO SÉCULO 17, O BANDEIRANTE BARTOLOMEU BUENO DA SILVA PARTIU PARA O CENTRO-OESTE BRASILEIRO EM BUSCA DE OURO. QUANDO CHEGOU AO QUE HOJE É O ESTADO DE GOIÁS, BARTOLOMEU SE DEPAROU COM BELAS ÍNDIAS ENFEITADAS COM BRINCOS E COLARES DOURADOS. O BANDEIRANTE QUIS SABER, ENTÃO, DE ONDE OS INDÍGENAS TIRAVAM AQUELE OURO, MAS OS NATIVOS SE NEGAVAM A DIZER. PARA IMPRESSIONÁ-LOS, O DESBRAVADOR APELOU A UM TRUQUE:

TEC: POR BAIXO SOM DE FOGO.

LOC: COLOCOU FOGO EM UMA BACIA DE AGUARDENTE E DISSE AOS INDÍGENAS QUE, SE NÃO INDICASSEM A LOCALIZAÇÃO DAS MINAS DE OURO, ELE QUEIMARIA TODA A ÁGUA DA REGIÃO. ASSUSTADOS, OS ÍNDIOS ENTREGARAM O OURO E DERAM A BARTOLOMEU O APELIDO DE ANHANGUERA, QUE EM TUPI SIGNIFICA DIABO VELHO...

TEC: ENTRA SOM DAS CIDADE HOJE MIXADO COM MÚSICA DE VIOLA...

LOC: MUITO TEMPO DEPOIS DO ENCONTRO DE BARTOLOMEU BUENO DA SILVA COM OS INDÍGENAS, UM PEQUENO PEDAÇO DE TERRA, NA DIVISA ENTRE GOIÁS E MINAS, FOI BATIZADO EM HOMENAGEM AO BANDEIRANTE.

TEC: ENTRA VINHETA DE ABERTURA DA SÉRIE

LOC: ANHANGUERA É A TERCEIRA MENOR CIDADE DO BRASIL, TEM APENAS MIL E VINTE HABITANTES. FICA NO SUDESTE DE GOIÁS, A 371 QUILOMETROS DE BRASÍLIA. BANHADO PELAS ÁGUAS DO BELO RIO PARANAÍBA, O MUNICÍPIO JÁ FOI UM PÓLO TURÍSTICO GOIANO, COMO LEMBRA A PROFESSORA CLÁUDIA FRANÇA.

SONORA CLÁUDIA 1: “Com o represamento da hidrelétrica de Furnas, a expectativa seria o que? Avançar no turismo, trazer pessoas pelo represamento do lago. E isso se deu ao longo dos anos realmente. Anhanguera era muito visitada, fez aqui o primeiro campeonato de Jet Ski, também o Carnanhanguera, que se dá por volta do aniversário da cidade. Aí girou em torno disso aí, do turismo”

LOC: MAS PARECE QUE, 400 ANOS DEPOIS, O DIABO VELHO AINDA ASSOMBRA QUEM MORA NA CIDADE.

TEC: ENTRA SOM DE RIO FRACO MIXADO COM MUSICA INCIDENTAL.

LOC: COM A CRISE HÍDRICA CAUSADA PELO HOMEM BRANCO, O RIO PARANAÍBA ESTÁ SECANDO, OS TURISTAS DESAPARECERAM E ANHANGUERA PAROU NO TEMPO. SEM OS VISITANTES, O DINHEIRO DEIXOU DE CIRCULAR E O DESEMPREGO ATINGE MAIS DE UM TERÇO DA POPULAÇÃO. É O QUE CONTA DERCÍLIO LOPES, VEREADOR MAIS VOTADO DA CIDADE, COM APENAS 74 VOTOS.

SONORA DERCÍLIO 1: “A maior preocupação da gente aqui é só o emprego. Não é questão de a cidade ser pequena demais. Hoje, aqui em Anhanguera não tem emprego pra nada, o pessoal trabalha na prefeitura ou, se não, o pessoal vai pra roça. Hoje a prefeitura tem 160 funcionários públicos, 16% da população da Anhanguera trabalha na prefeitura”

LOC: A CONVERSA É INTERROMPIDA PELA ESPOSA DO VEREADOR. O FILHO DO CASAL, DE TRÊS ANOS, ARDE COM 39 GRAUS DE FEBRE E PRECISA SER LEVADO PARA UM HOSPITAL EM CATALÃO, A 42 QUILOMETROS DE ANHANGUERA. A MENOR CIDADE DE GOIÁS NÃO TEM MÉDICO. UMA VEZ POR SEMANA, UM CLÍNICO GERAL VEM DE CUMARI, A ONZE QUILOMETROS, PARA ATENDER CASOS DE POUCA URGÊNCIA.

TEC: ENTRA POVO FALA

Homem1: “Mas nós só tem esse posto de saúde aí. Na Anhanguera, nós não temos

médicos”

Mulher1: “Nós não temos hospital, somente a estratégia saúde da família, né?”

LOC: A FALTA DE MÉDICOS CAUSA UM FENÔMENO CURIOSO: NÃO EXISTEM MAIS ANHANGUERINOS NATOS. O ÚLTIMO NASCIMENTO NA CIDADE ACONTECEU HÁ DOZE ANOS. LEIRIVAN DOS SANTOS, MÃE DA MENINA LIDIANE, LEMBRA QUE A CIDADE PAROU PARA VER A FILHA NASCER.

SONORA LEIRIVAN: “Eu falei pode chamar a ambulância que ela vai nascer. Aí, no caso que ele desceu, demorou a ambulância chegar na porta de casa. Aí minha sogra falou assim: ‘Ó, a vó Bastiana acabou de chegar’. A rua estava cheia de gente, a minha casa estava cheia de gente. No quarto, tinha cinco mulheres dentro do quarto, aí a vó Bastiana entrou e ela falou assim: ‘Filhinha, você confia na vó?’ Eu falei: ‘confio vó’. Aí ela: ‘então vamos deixar essa menina nascer, tá na hora’. Foi rapidinho, foi 40 minutos, a Lidiane veio no mundo. O parto que ela fez foi perfeito, nem foi preciso ir pra médico, pra hospital”

LOC: OUTRO PARTO QUE MARCOU A HISTÓRIA DE ANHANGUERA FOI O DOS QUINTÚPLOS DA FAMÍLIA ARAÚJO FONSECA: VITOR, DANIEL, HENRIQUE E NATHÁLIA. O QUINTO BEBÊ, GABRIEL, INFELIZMENTE, MORREU UM MÊS DEPOIS DE NASCER.

“Ninguém esperava, nem minha mãe mesmo. Ter esse tanto de filho, né? Mas veio, né, fazer o que?” “Foi, na época quase não tinha muito caso assim, né, de gêmeos, e foi tipo uma novidade para todo mundo”

TEC: MÚSICA INCIDENTAL

LOC: HOJE COM 17 ANOS, OS IRMÃOS NASCERAM EM UMA ÉPOCA QUE A CIDADE TINHA POUCO MAIS DE 800 HABITANTES. O QUE SIGNIFICA DIZER QUE, EM APENAS UM DIA, A POPULAÇÃO DE ANHANGUERA AUMENTOU CERCA DE MEIO POR CENTO. COMPARANDO COM O DISTRITO FEDERAL É COMO SE 12 MIL BEBÊS NASCESSEM NO MESMO DIA.

SONORA GÊMEOS 2: “Meu pai ficou bastante assutado, não sabia que ia ter esse tanto de filho, mas ele ficou feliz ao mesmo tempo. Papai Noel não foi só um presente não, foi um monte”

LOC: APESAR DE SEREM ANHANGUERINOS ILUSTRES, LIDIANE E OS QUADRIGÊMEOS PRETENDEM DEIXAR A CIDADE EM BUSCA DE UM MELHOR FUTURO PROFISSIONAL.

SONORA GÊMEOS 3: “Estamos terminando os estudos agora, o terceiro o ano, começar um curso na faculdade, mas só que aqui na cidade, não tem não.”

LOC: COM O MESMO PENSAMENTO DOS CONTERRÂNEOS MAIS JOVENS, EVILÁSIO DE AGUIAR, DE 81 ANOS, DEIXOU ANHANGUERA EM 1958 PARA TRABALHAR NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA.

SONORA EVILÁSIO 1: “Brasília foi minha grande cidade, eu fui para lá, no comecinho da construção. Lá eu fiquei até 1988. Eu fui pra lá na época que tava fazendo a primeira pista do Aeroporto JK, a primeira pista que a construtora é a Rabelo que fez aquela pista lá. Foi o primeiro emprego que eu arranjei: apontador ”

LOC: DEPOIS DE MORAR EM VÁRIAS CIDADES, O APOSENTADO DECIDIU VOLTAR PARA A TERRA NATAL.

SONORA EVILÁSIO DE AGUIAR 1: “Eu acho que meu espírito sempre foi de lugar pequeno. Embora eu transite muito bem em grandes cidades. E isso justifica o fato de eu ter andado por aí a fora e ter voltado para cá. E estou aqui, radicado aqui, neste local, onde eu fui criado desde os dez anos de idade. Então, o meu mundo é isso aqui: essa casa velha”

TEC: ENTRA MUSICA INCIDENTAL

LOC: O AMOR E O SENTIMENTO DE GRATIDÃO POR ANHANGUERA FIZERAM COM QUE EVILÁSIO CRIASSE O PRIMEIRO JORNAL DO MUNICÍPIO. O

INFORMATIVO ANHANGUERA FOI UMA TENTATIVA DE CHAMAR A ATENÇÃO DO PREFEITO PARA OS PROBLEMAS DA CIDADE.

SONORA EVILÁSIO 2: “Independente de partido político, tudo que eu achava que tava errado eu falava mal, o que eu achava que tava bom eu falava bem”

LOC: O JORNAL CIRCULOU APENAS POR SEIS ANOS. O MOTIVO FOI UM PEDIDO DA ESPOSA DE EVILÁSIO.

SONORA EVILÁSIO 3: “O que eu falava podia atingir interesses particulares de alguém e as pessoas reagiam, não falavam para mim diretamente, mas ficavam cochichando aí. Também nunca tive medo de ninguém. Eu graças a Deus tem muita gente que não gosta de mim. Mas, na maior parte gosta, o importante é isso. Então eu fico satisfeito como os que tem e que gosta, eu já gosto. Acho bom. Eu tenho apoio, o pessoal fala ‘Nossa, você tem que voltar a escrever’. Eu também acho, mas fico devendo.

TEC: TRANSIÇÃO MÚSICA TRIUNFANTE

LOC: A INSTALAÇÃO DE DUAS INDÚSTRIAS E UM HOTEL FAZENDA PODE FAZER COM QUE MORADORES NÃO PRECISEM MAIS DEIXAR A CIDADE QUE AMAM PARA TRABALHAR. OS NEGÓCIOS SÃO GERENCIADOS POR FLÁVIO SOUZA, FILHO DO HOMEM MAIS RICO DA HISTÓRIA DE ANHANGUERA.

SONORA FLÁVIO 1: “A gente montou um escritório de engenharia lá em Uberlândia. Do escritório de engenharia, a gente começou a investir em Anhanguera, começou a construir uma cerâmica, um hotel fazenda e a outra empresa vai ser uma torneadora. Meu pai foi nascido e criado aqui, junto com os irmãos. Totalmente sentimental, porque não é qualquer empresário que vai vir pro menor município de Goiás e investir aqui”

LOC: PARA SE TER UMA NOÇÃO DA FORTUNA DA FAMÍLIA SOUZA, BASTA VER A MANSÃO EM QUE MORAM. SÃO 21 QUARTOS E 20 BANHEIROS.

SONORA FLÁVIO 2: “Nossa família tem o hábito de reunir todo final de ano. Meu pai tem dez irmãos, com ele 11. Então cada irmão lá em casa tem um quarto, tem uma

suíte. Então reúne todos os primos, reúne todos os tios, reúne tudo, no final do ano aqui. Então a gente faz uma reunião familiar todo ano aqui, por isso que a casa é grande, porque realmente é pra família”

LOC: ATUALMENTE, A INDÚSTRIA DE CERÂMICA DA FAMÍLIA SOUZA EMPREGA, DIRETA E INDIRETAMENTE, 50 PESSOAS. FLÁVIO PROJETA QUE ESSE NÚMERO PODE CHEGAR A 200 EM ATÉ 5 ANOS. NA CIDADE DE ANHANGUERA, A ESPERANÇA DE PROGRESSO QUE SECOU COM O RIO PARANAÍBA PODE RESSURGIR DO BARRO.

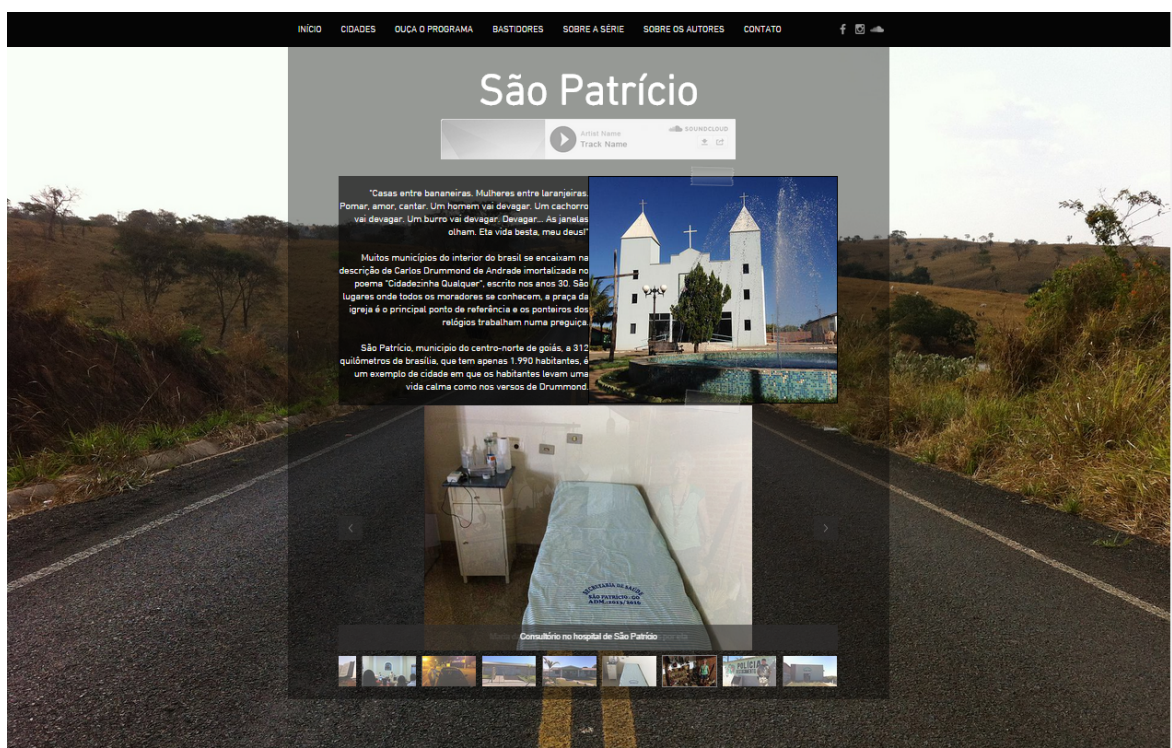
SONORA CLÁUDIA 3: “Anhanguera de volta ao progresso”

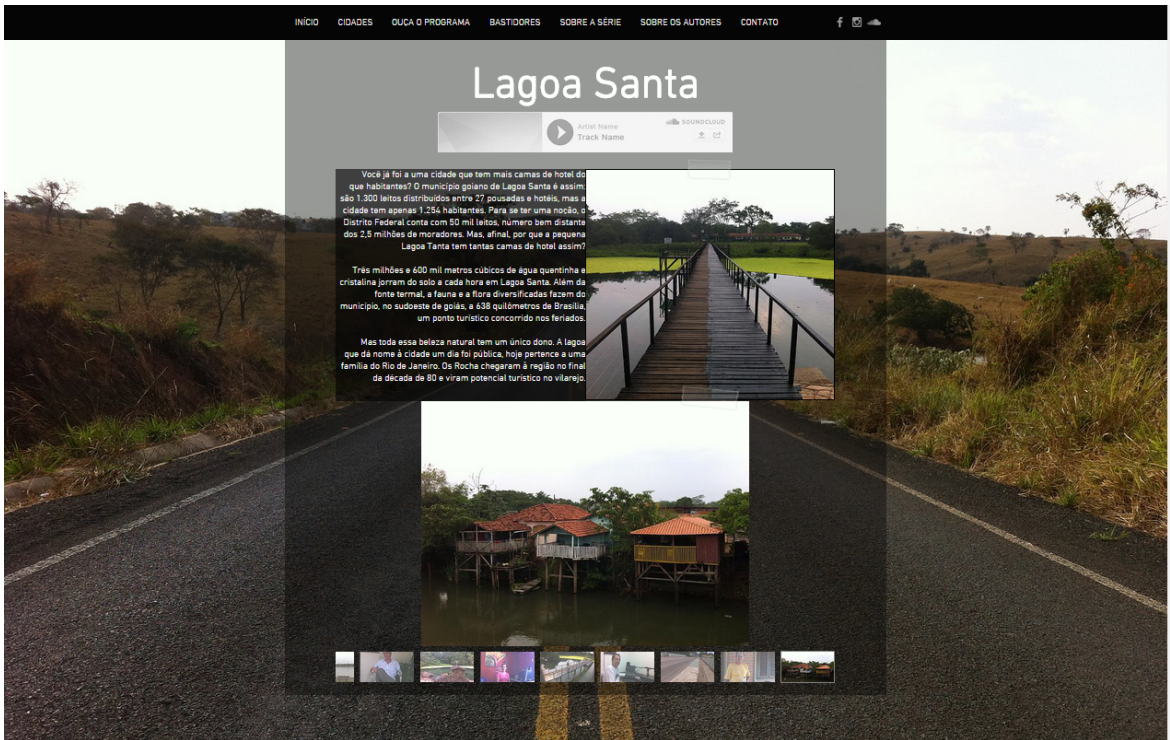
TEC: ENTRA MÚSICA INCIDENTAL

TEC: ENTRA CRÉDITOS FINAIS

TEC: SOBE BG E CORTA

Anexo 7 – Captura de telas do site da série (www.cidadezinhaqualquer.com)





INÍCIO CIDADES OCUA O PROGRAMA BASTIDORES SOBRE A SÉRIE SOBRE OS AUTORES CONTATO




Moiporá

Artist Name Track Name

Toda pequena cidade um dia foi distrito de outra. Em geral, a história começa com um grupo de pessoas que constrói um vilarejo poucas quilômetros distante do centro de uma cidade já existente. Essa vila começa a receber condições mínimas de infra-estrutura, como energia elétrica, escola e posto de saúde. E, assim, atrai mais moradores.

Um projeto de lei em análise no Congresso Nacional prevê que, para a criação de novas cidades na região Centro-Oeste, é necessário que elas tenham pelo menos seis mil habitantes. Mas essa proposta sequer existia quando os seis menores municípios de Goiás foram criados.

A cidade de Moiporá, no Centro-Oeste goiano, se emancipou de Aurilândia em 1958. Naquela época, era necessário pouco mais de mil habitantes para se tornar município. De lá para cá, a cidade, que fica a 382 quilômetros de Brasília, não cresceu muito, mas, no Goiás, é a única com menos de dois mil moradores que possui um distrito.



INÍCIO CIDADES OCUA O PROGRAMA BASTIDORES SOBRE A SÉRIE SOBRE OS AUTORES CONTATO

Cachoeira de Goiás

Artist Name Track Name

"Pois todo o que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado." Essa passagem bíblica é utilizada para pregar a humildade. E parece que o próprio Deus segue esse ensinamento, já que muitos dos principais destinos, católicos do mundo são cidades minúsculas? É o caso, por exemplo, de Fátima, em Portugal que tem, hoje, onze mil habitantes e Lourdes na França, atualmente com quinze mil.

Mas foi no interior de Goiás que a humildade de Deus teria atingido o ápice. Cachoeira de Goiás, município do Centro-Oeste goiano, a 393 km de Brasília, tem apenas 1.417 habitantes. A cidade atinge um rio onde, segundo os moradores, tem uma água milagrosa, capaz de curar qualquer doença.

A lenda de água santa surgiu na década de 60. Doente e desacreditada pela medicina, uma senhora chamada Zília Ferreira pediu aos céus que lhe curassem. Foi então que sonhou com Nossa Senhora aparecida. A santa lhe indicou a localização da atual região de Cachoeira de Goiás, dizendo que no local ela encontraria a cura.



INÍCIO CIDADES DUCA O PROGRAMA BASTIDORES SOBRE A SÉRIE SOBRE OS AUTORES CONTATO

Anhanguera

Artist Name Track Name SOUND CLOUD

Reza a lenda que, no século 17, o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva partiu para o Centro-Oeste brasileiro em busca de ouro. Quando chegou ao que hoje é o estado de Goiás, Bartolomeu se deparou com belas índias enfeitadas com brincos e colares dourados. O bandeirante quis saber, então, de onde os indígenas tiravam aquele ouro, mas os nativos se negavam a dizer. Para impressioná-los, o descobridor apelou a um truque: colocou fogo em uma bacia de aguardente e disse aos indígenas que, se não indicassem a localização das minas de ouro, ele queimaria toda a água da região. Assustados, os índios entregaram o ouro e deram a Bartolomeu o apelido de anhanguera, que em tupi significa diabo velho...

Muito tempo depois do encontro de Bartolomeu Bueno da Silva com os indígenas, um pequeno pedaço de terra, na divisa entre Goiás e Minas, foi batizado em homenagem ao bandeirante. Anhanguera é a terceira maior cidade do Brasil, tem apenas mil e vinte habitantes. Fica no sudeste de Goiás, a 371 quilômetros de Brasília.

INÍCIO CIDADES DUCA O PROGRAMA BASTIDORES SOBRE A SÉRIE SOBRE OS AUTORES CONTATO

Ep.1 - São Patrício

Artist Name Track Name SOUND CLOUD

Ep.2 - Lagoa Santa

Artist Name Track Name SOUND CLOUD

Ep.3 - S. J. da Paraúna

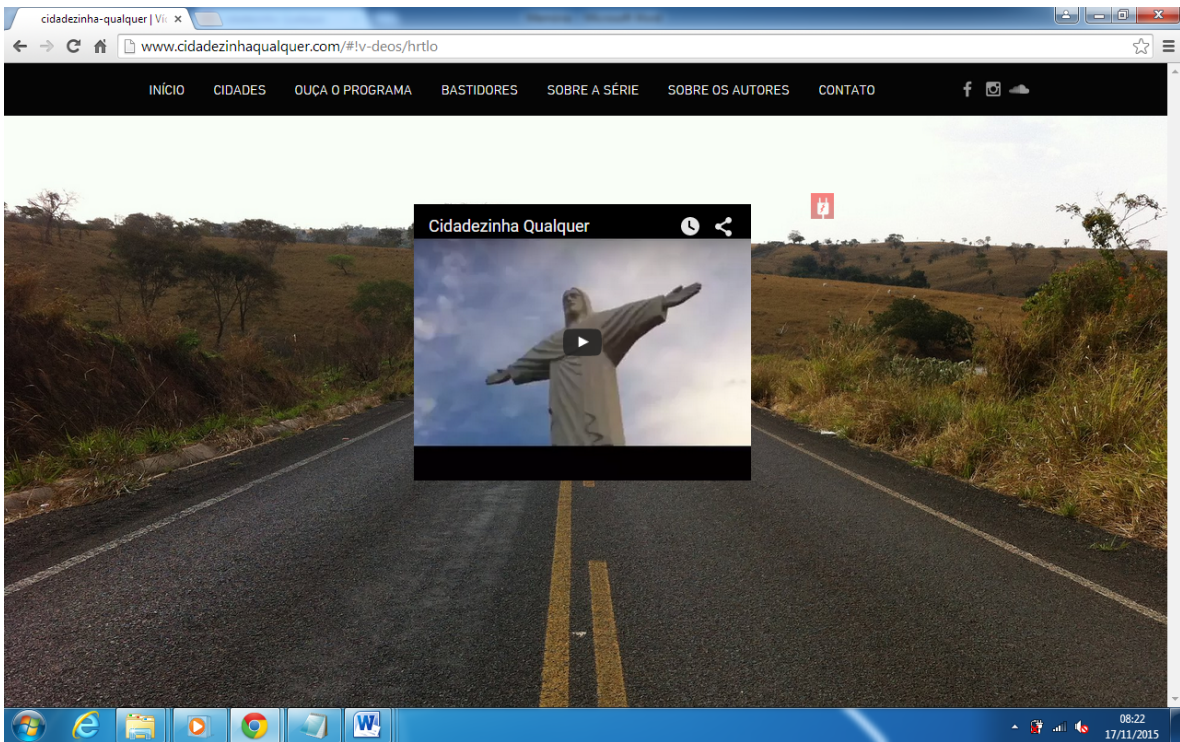
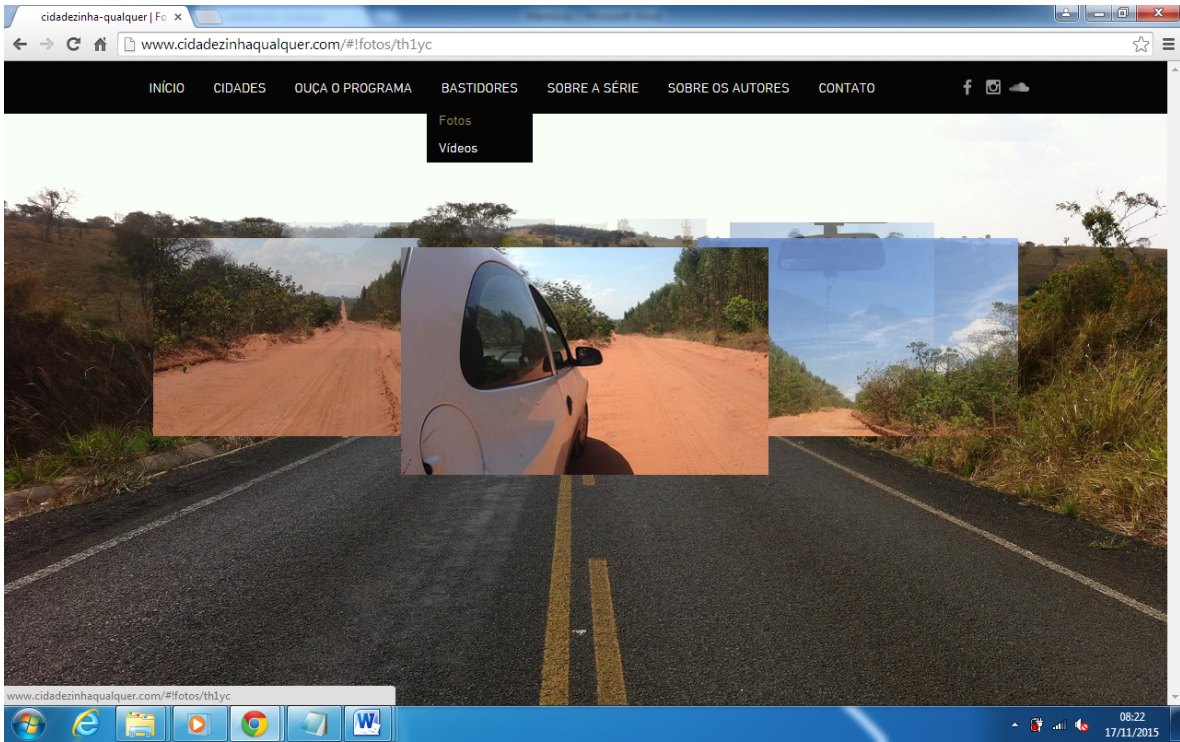
Artist Name Track Name SOUND CLOUD

Ep.4 - Moiporá

Artist Name Track Name SOUND CLOUD

Ep.5 - Cachoeira de GO

Artist Name Track Name SOUND CLOUD



cidadezinha-qualquer | SC x

www.cidadezinhaqualquer.com/#!sobre-a-s-rie/cee5

INÍCIO CIDADES OUÇA O PROGRAMA BASTIDORES SOBRE A SÉRIE SOBRE OS AUTORES CONTATO

Cidadezinha Qualquer

Série de reportagens em cidades goianas
com até dois mil habitantes

"Casas entre bananeiras, mulheres entre laranjeiras. Pomar, amor, cantar. Um homem vai devagar, um cachorro vai devagar, um burro vai devagar. Devagar, as janelas olham... Éta vida besta, meu Deus!"

Os versos de Carlos Drummond de Andrade descrevem, de maneira geral, uma infinidade de pequenas cidades dentro do continental Brasil. Esses mínimos pedaços de terra, no entanto, guardam grandes histórias sem ninguém para contar. Realidades a poucos quilômetros das capitais, mas muito distantes da vida nos grandes centros.

A série de reportagens "Cidadezinha Qualquer" tenta contrastar mundos. Revelar personagens que não estão nas novelas, nem nos noticiários, mas que mereceriam as primeiras páginas dos jornais.

Serão seis programas de rádio, cada um deles em uma cidade goiana com menos de dois mil habitantes. Não deixe de conferir!


www.cidadezinhaqualquer.com/#!sobre-a-s-rie/cee5

08:23 17/11/2015

cidadezinha-qualquer | SC x

www.cidadezinhaqualquer.com/#!sobre-os-autores/c1o5

INÍCIO CIDADES OUÇA O PROGRAMA BASTIDORES SOBRE A SÉRIE SOBRE OS AUTORES CONTATO



Gustavo Garcia

Fernando Jordão

Gustavo Garcia é gaúcho, mas mora no Distrito Federal desde 2001. cursou jornalismo na Universidade de Brasília (UnB). Já trabalhou nas redações do Jornal Destak e Jornal de Brasília, além da TV Brasil, SBT e Rede Globo.

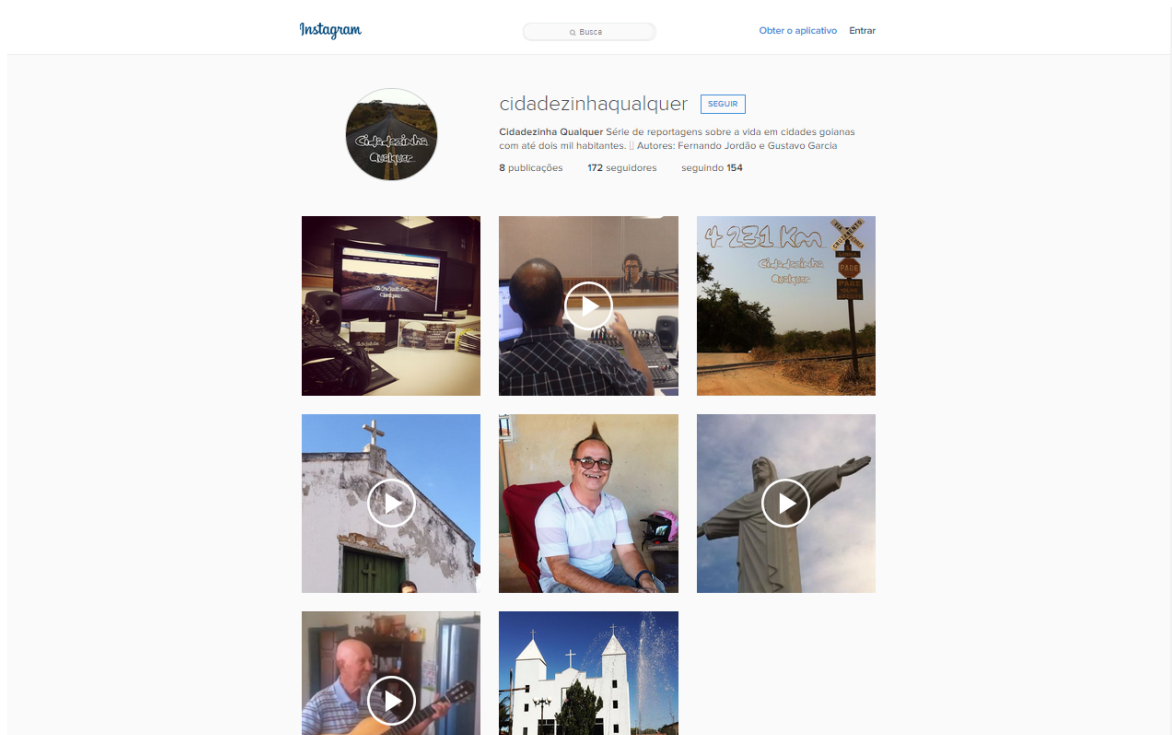
Fernando Jordão nasceu em Brasília, onde se formou em jornalismo pela UnB. Durante a faculdade, trabalhou no Jornal Destak e na Empresa Brasil de Comunicação (EBC) e realizou um intercâmbio acadêmico na Universidade do Minho, em Portugal.

www.cidadezinhaqualquer.com/#!sobre-os-autores/c1o5

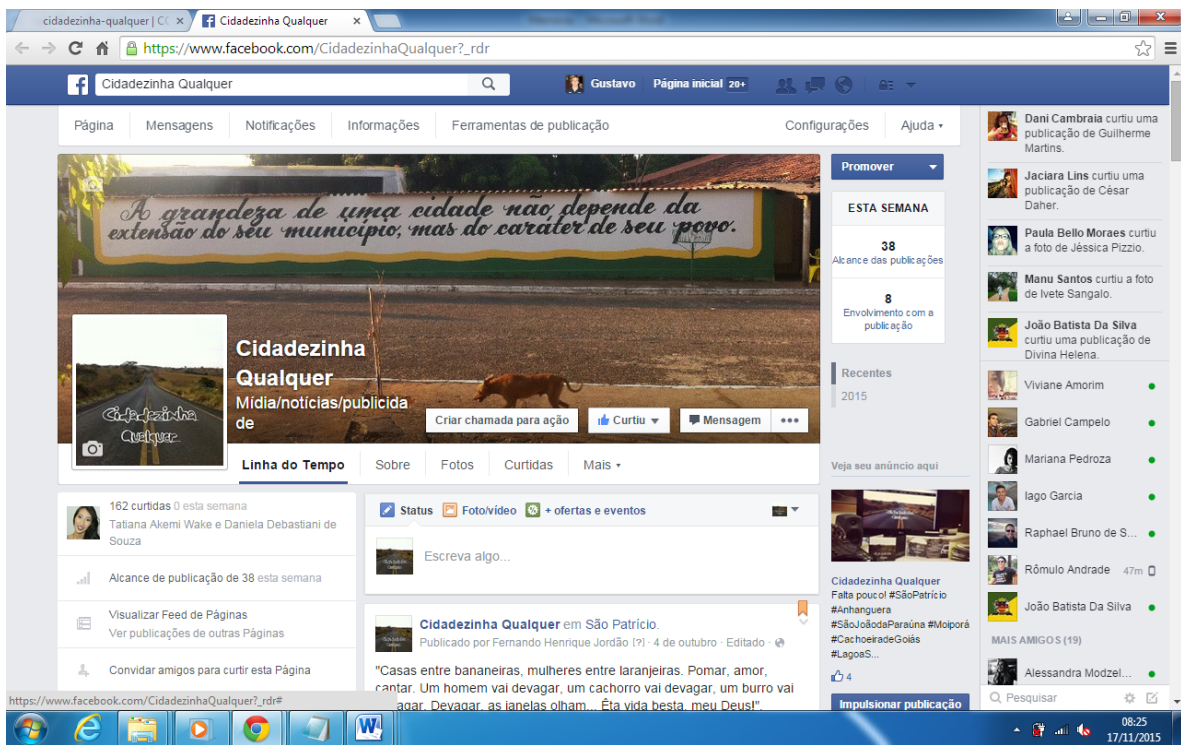
08:23 17/11/2015



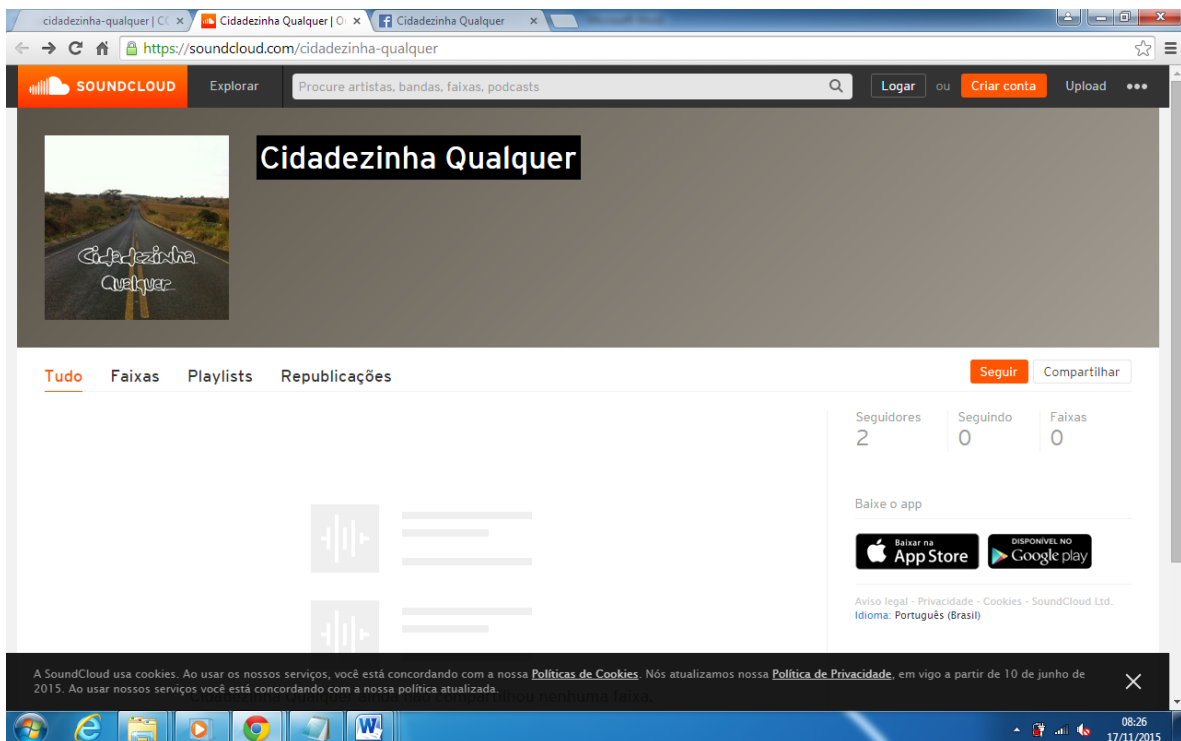
Anexo 8 – Captura de tela do perfil no Instagram da série ([instagram.com/cidadezinhaqualquer](https://www.instagram.com/cidadezinhaqualquer))



Anexo 9 – Captura do perfil no Facebook (facebook.com/CidadezinhaQualquer)



Anexo 10 – Print do SoundCloud da série (soundcloud.com/cidadezinhaqualquer)



Anexo 11 – Orçamento do projeto

Gasolina - R\$ 1.274,39

Pedágios - R\$ 83,70

Hospedagem - R\$ 920

Técnico - R\$ 574,94

Alimentação - R\$ 483,60

Pilhas para gravador - R\$ 11,80

Manutenção veículo - R\$ 50

Infração de trânsito - R\$ 85,13

Ingressos Lagoa Santa - R\$ 40

Compra do domínio da série - R\$ 120

Impressão das embalagens e discos: R\$ 216

Impressão do memorial: R\$ 120

Camisas da série: R\$ 70

Total: R\$ 4.049,56